

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI –  
UFVJM**

**Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas - MPICH**

**Orientando: Douglas Barbosa Werneck  
Orientador: Prof. Dr. Roberto Antonio Penedo do Amaral**

**DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DO ROMANCE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*  
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

**Diamantina – MG**

**2015**

**WERNECK, Douglas Barbosa**

**DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DO ROMANCE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*  
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

**Diamantina – MG**

**2015**

**Douglas Barbosa Werneck**

**DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DO ROMANCE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*  
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Trabalho apresentado ao curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas (MPICH) da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), inserido na Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Antonio Penedo do Amaral

**Diamantina – MG**

**2015**

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM  
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

W491d	<p>Werneck, Douglas Barbosa Dicionário de Personagens do romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa / Douglas Barbosa Werneck. – Diamantina: UFVJM, 2015. 106 f.</p> <p>Orientador: Roberto Antonio Penedo do Amaral</p> <p>Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em em Ciências Humanas) - Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p> <p>1. Personagem. 2. Dicionário. 3. Guimarães Rosa. 4. Romance. I. Título. II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p>
<b>CDD B869.8</b>	

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## DEDICATÓRIA

Ao Eterno; razão de meu viver e existir.

Às quatro inenarráveis mulheres de minha vida:  
Terezinha, Maria Aparecida, Verônica e Laurinha.  
Avó, mãe, esposa e filha, respectivamente. E ao  
meu pequeno Davi. Muita Gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu amigo e orientador, Prof. Dr. Roberto Antonio Penedo do Amaral (UFVJM), por acreditar neste ousado trabalho e dividir comigo as glórias e as angústias deste nascimento.

Ao Prof. Dr. Ricardo da Silva Sobreira (UFVJM), à Profa. Dra. Melissa Gonçalves Boëchat (UFVJM), ao Prof. Dr. Marcelo Fagundes (UFVJM), por aceitarem o convite para compor a Banca de Qualificação desta pesquisa e colaborarem com o seu êxito.

Ao Prof. Dr. Anelito de Oliveira (UNIMONTES), ao Prof. Dr. Ricardo da Silva Sobreira (UFVJM) e a Profa. Dra. Melissa Gonçalves Boëchat (UFVJM), por aceitarem o convite para compor a Banca de Defesa deste trabalho.

Aos meus amigos e familiares dos dois planos da vida sempre presentes.

Aos colegas de turma e a todos os professores pela atenção.

Ao meu Pai, pelas vibrações positivas sempre.

À minha fantástica Mãe, pelo ser tão precioso em minha vida.

À minha Verônica, pelo amor, carinho e paciência.

À minha pequenina Laura e ao meu Davi, pela ternura sempre envolvente e fortalecedora.

À Deus Pai Criador, que não deixa cair um só fio de cabelo de nossas cabeças sem o seu consentimento.

Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montante, o mais supro, mais sério – foi Medeiro Vaz. Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro – grande homem príncipe! – era político. Zé-Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Só Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo preço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antônio Dó – severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o “Urutu-Branco”? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino... (ROSA, 2006, p. 17).

## RESUMO

Este trabalho inclui-se na Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas (MPICH) da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Partindo da obra maior do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), *Grande sertão: veredas* (2006), elaborou-se o *Dicionário de Personagens do romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa*, que nos apresenta a lista dos personagens em ordem alfabética com as suas descrições individuais e citações que os caracterizam. Tomamos como referenciais teóricos os estudos de Antônio Cândido, Beth Brait e José Horta Nunes. Rastreamos e coletamos a partir de uma análise minuciosa do texto os personagens presentes em *Grande sertão: veredas*, inclusive aqueles que têm apenas citados seus nomes sem maiores enredos, sem deixar de lado o Diabo, que aparece com um número expressivo de nomes diferentes na obra.

Palavras-chave: Personagem, Dicionário, Guimarães Rosa, Romance.



## ABSTRACT

This work is included in the Research Education Field, Society and Culture of the Professional Masters Post Graduation in Interdisciplinary Humanities (MPICH) of the Interdisciplinary Faculty of Humanities (FIH), University Federal of the Jequitinhonha and Mucuri (UFVJM). It from the greatest work of writer João Guimarães Rosa (1908-1967), *Grande sertão: veredas* (2006), it has elaborated the *Character Dictionary of romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa*, which presents a list of characters in alphabetical order with the their individual descriptions and quotes that characterize them. We take as theoretical studies references of Antonio Candido, Beth Brait and José Nunes Horta. We track and collect from a scrutiny of the text characters present in *Grande sertão: veredas*, including those who have just mentioned their names without major plots, without leaving aside the Devil, who appears with a large number of different names all long of the work.

Keywords: Character, Dictionary, Guimarães Rosa, Romance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DO ROMANCE <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i> DE JOÃO GUIMARÃES ROSA .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Afirmo ao senhor, do que vivi: o mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra. (ROSA, 2006, p. 174).*

O *Dicionário de Personagens do romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa* é o resultado de uma pesquisa realizada dentro do Programa de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas (MPICH), no âmbito da Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura, da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Utilizamos para o feito a edição de *Grande sertão: veredas* de 2006, publicada pela editora Nova Fronteira.

Partimos de uma metodologia já utilizada na Antiguidade e na Idade Média e que continua sendo produtiva: a descrição das palavras e de seus sentidos (NUNES, 2010), ou seja, construímos uma lista em ordem alfabética das palavras/personagens e atribuímos definições e citações a estas, de maneira a apresentar ao leitor todos os 347 personagens de *Grande sertão: veredas*, por nós catalogados e descritos.

*Grande sertão: veredas (GSV)*<sup>1</sup> é um livro publicado em 1956 que não tem introdução, não tem capítulos, conseqüentemente não dispõe de índice, que se inicia com um “travessão” e este mesmo travessão atravessa toda a obra de mais de 600 páginas (a depender da edição) findando-se com a palavra “travessia” e o sinal do infinito ( $\infty$ ), apresentando-nos uma originalidade criadora e uma rica lexicografia. Estudado, revirado e explorado por pesquisadores e estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, apresentando-nos um texto em primeira pessoa, no qual, Riobaldo, o personagem-narrador, relata na condição de ex-jagunço e agora abastado fazendeiro, a sua saga como homem vivente do grande sertão, a um interlocutor invisível. “Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado” (ROSA, 2006, p. 503).

O romance tem como pano fundo dois grandes combates. O primeiro se dá com o bando de Joca Ramiro, o maior chefe jagunço da época, contra o bando do fazendeiro Zé Bebelo, que queria trazer a lei para o sertão, e os soldados do governo; saindo Joca Ramiro como vitorioso. Capturado vivo, Zé Bebelo passa por julgamento, no qual, Joca Ramiro lhe concede a liberdade com a condição de ele (Zé Bebelo), se transferir para Goiás e não mais pisar em terras mineiras, enquanto Joca Ramiro viver ou der contra-ordem.

---

<sup>1</sup> *Grande sertão: veredas*, doravante, *GSV*.

– “Bem. Se eu consentir o senhor ir-se embora para Goiás, o senhor põe a palavra, e vai?” Zé Bebelo demorou resposta. Mas foi só minutozinho. E, pois: – “A palavra e vou, Chefe. Só solicito que o senhor determine minha ida em modo correto, como competence.” – “A falando?” – “Que: se ainda tiver homens meus vivos, presos também por aí, que tenham ordem de soltura, ou licença de vir comigo, igualmente...” Ao que Joca Ramiro disse: – “Topo. Topo.” – “... E que, tendo nenhum, eu viaje daqui sem vigia nenhuma, nem guarda, mas o senhor me fornecendo animal de sela arreado, e as minhas armas, ou boas outras, com alguma munição, mais o de-comer para os três dias, legal...” Ao que aí Joca Ramiro assim três vezes: – “Topo. Topo!” – “... Então, honrado vou. Mas, agora, com sua licença, a pergunta faço: pelo quanto tempo eu tenho de estipular, sem voltar neste Estado, nem na Bahia? Por uns dois, três anos?” – “Até enquanto eu vivo for, ou não der contra-ordem...” – Joca Ramiro ai disse, em final. (ROSA, 2006, p. 281).

O segundo combate acontece depois que Hermógenes, junto a Ricardão, trai o bando matando o próprio líder Joca Ramiro. Organiza-se novamente o grupo e Zé Bebelo retorna de Goiás para vingar a morte do seu salvador chefiando os ramiros. Durante esta longa batalha, Riobaldo Tatarana ao ver Zé Bebelo perdido em comando, toma a chefia do bando para si passando a ser chamado de Urutu Branco. “Ah: o *Urutu Branco*: assim é que você devia se chamar...” (ROSA, 2006, p. 338). Esta batalha se finda no arraial do Paredão com a morte de Hermógenes e Diadorim.

Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejavam. – “E a guerra?!” – eu disse. – “Chefe, Chefe, ganhamos, que acabamos com eles!... João Goanhá e o Fafafa, com uns dos nossos, ainda seguiram perseguindo os restos, derradeira demão...” – João Concliz deu resposta. – “O Hermógenes está morto, remorto matado...” – quem falou foi o João Curiol. Morto... Remorto... O do Demo... Havia nenhum Hermógenes mais. Assim de certo resumido – do jeito de quem cravado com um rombo esfaqueante se sangra todo, no vão-do-pescoço: já ficou amarelo completo, oca de terra, semblante puxado escarnecente, como quem da gente se quer rir – cara sepultada... Um Hermógenes. (ROSA, 2006, p. 596).

E ainda por detrás das guerras existe um grande amor proibido entre Riobaldo e Diadorim. Amor que é narrado por Riobaldo ao “doutor da cidade” de maneira a criar suspense e diversas interpretações, do mesmo modo em que ele mesmo o viveu. Diadorim, embora mulher, vivia em meio ao bando jagunço como se fosse um deles, e, mesmo apaixonando-se por Riobaldo, não se permitiu viver este amor para vingar a morte de seu pai Joca Ramiro. Riobaldo por sua vez, vivia um tormento interior, pois em seu saber, estava ele atraído por um outro homem, mistério este que só lhe foi desvendado com a morte de Diadorim na batalha do Paredão.

Diadorim – nu de tudo. E ela disse: – “A Deus dada. Pobrezinha...” E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu – não contei ao senhor – e mercê peço: –

mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha... Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero. O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real. Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: – “Meu amor!...” Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo. (ROSA, 2006, p. 599).

Na tentativa de situar o seu interlocutor, o velho Riobaldo desenrola as paisagens onde viveu a sua juventude e agora descansa a sua velhice. Grande Sertão, que, se estende de Minas Gerais à Bahia e parte de Goiás.

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (ROSA, 2006, p. 07- 08).

Fica claro nas palavras do protagonista que o sertão não é um lugar circunscrito e muito menos estático. “O sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2006, p. 73). Sem limites não só físicos, geográficos, mas lugar sem lei. “O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal.” (ROSA, 2006, p. 19).

Em sua narrativa labiríntica, Riobaldo mostra ao seu interlocutor a vastidão do sertão, as suas nuances, as suas contradições, as suas realidades, o homem do sertão e o sertão do homem. “Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente.” (ROSA, 2006, p. 309). O sertão extrínseco e o sertão intrínseco do ser são contemplados no romance, de forma que ao nos embrenhar em uma leitura mais cuidadosa e apurada, identificamos constantemente a nossa própria realidade presente na obra. E o que se torna mais interessante, é o fato de como nós nos percebemos na narrativa e esta mesma narrativa nos modifica e nos forma.

A literatura é capaz de “assumir muitos saberes” (BARTHES, 2007, p. 16). O corpo narrativo de um romance pode nos apresentar ricos e extensos conhecimentos, abrangendo a geografia, a história, a antropologia, a religião, a metafísica, a linguagem, a filosofia, a biologia, a pedagogia, a psicologia, a sociologia, entre outras. *GSV* é um manancial da interdisciplinaridade que abraça, aborda e se acopla à Educação, à Sociedade e à Cultura, transpondo as barreiras teóricas.

Como afirma Antonio Candido:

Na extraordinária obra-prima "Grande Sertão: Veredas" há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar... A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o sertão é o mundo. (1964. p. 121-122).

Segundo Barthes (2007, p. 17), se fossemos expulsar todas as disciplinas do ensino, salvando apenas uma, esta deveria ser a disciplina literária, pois todas as outras estão nela representadas. “A literatura faz girar os saberes (...) a literatura trabalha nos interstícios da ciência” (BARTHES, 2007, p. 18).

Rosa assevera que “quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal” (*apud* COUTINHO, 1983, p. 84). E não serão as palavras de Riobaldo ao narrar as suas peripécias que farão com que o leitor inicie o "vencer o mal" interior? Por isso é tão fácil se enveredar pelo sertão rosiano e encontrar de frase a frase com o ser tão humano e metamórfico que somos.

Narrando a saga de centenas de personagens, através da voz de Riobaldo, Rosa em suas mais de 600 páginas (a depender da edição) consegue tratar do sertão físico transcendendo-o para um sertão metafísico, no qual o seu poder de criação na narrativa se faz tão patente que ao nos adentrar na leitura da obra, os personagens se tornam verdadeiros seres viventes, capazes de análises e transformações profundas. O próprio Riobaldo, ao contar a sua saga, repensa e reconstrói os seus valores e as suas verdades:

Não devia de estar relembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: *faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo*. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso

é que o muito se fala? E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? (ROSA, 2006, p. 39 - grifos nossos).

Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. *A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento*, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. *De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa*. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. *Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data*. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 2006, p. 98- 99 - grifos nossos).

A personagem é a categoria fundamental da narrativa, revelando-se quase sempre como o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia narrativa (REIS, LOPES, 1988). Existem vários trabalhos que narram primeiramente uma paisagem ou um ambiente em seus detalhes, podendo se tratar de uma obra histórica, uma carta ou até mesmo um diário. É no surgir do personagem que geralmente se esclarece o caráter verídico ou fictício do texto, “por resultar daí a totalidade de uma *situação concreta* em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária” (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002, p. 23), levando o leitor com bastante habilidade, a vivenciar a saga das personagens romanceadas e vislumbrar situações outras. Realidade que fica explícita nas palavras do personagem-narrador, Riobaldo: “Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi” (ROSA, 2006, p. 600).

Guimarães Rosa ao dar voz ativa a Riobaldo e desaparecer do texto, realiza dentro de sua narrativa em *GSV*, justamente o que afirma Antônio Candido:

Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc. Nota-se também que o pretérito perde a sua função real (histórica) de pretérito, já que o leitor, junto com o narrador fictício, “presencia” os eventos... As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a ser personagens; deixam de ser objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer “eu” (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002, p. 26).

Rosa constrói a narrativa do seu protagonista de maneira que não só ele (Riobaldo) se transforma em sujeito “real”, que sabe dizer “eu”, mas todas as demais personagens de alguma forma tomam características fortes de verossimilhança com os seres verdadeiramente reais. “Assim sendo, é possível verificar nesse quadro que a idéia de **reprodução** e **invenção** de seres humanos combina-se no processo artístico, por meio dos recursos de linguagem de que

dispõe o autor” (BRAIT, 1985, p. 19). Impossível neste momento citar as centenas de personagens que compõem a obra, mas até o “Diabo”, por ser talvez o mais fictício, toma “vida verdadeira” e atormenta do início ao fim a mentalidade de Riobaldo, envolvendo os leitores. Desta forma:

O leitor aceita normalmente o seu pacto com o diabo, porque Grande Sertão: Veredas é um livro de realismo mágico, lançando antenas para um supermundo metafísico, de maneira a tornar possível o pacto, e verossímil a conduta do protagonista. Sobretudo graças à técnica do autor, que trabalha todo o enredo no sentido duma invasão iminente do insólito, — lentamente preparada, sugerida por alusões a princípio vagas, sem conexão direta com o fato, cuja presciência vai saturando a narrativa, até eclodir como requisito de veracidade. A isto se junta a escolha do foco narrativo, — o monólogo dum homem rústico, cuja consciência serve de palco para os fatos que relata, e que os tinge com a sua própria visão, sem afinal ter certeza se o pacto ocorreu ou não. Mas o importante é que, mesmo que não tenha ocorrido, o material vai sendo organizado de modo ominoso, que torna naturais as coisas espantosas. Assim, pois, um traço irreal pode tornar-se verossímil, conforme a ordenação da matéria e os valores que a norteiam, sobretudo o sistema de convenções adotado pelo escritor; inversamente, os dados mais autênticos podem parecer irreais e mesmo impossíveis, se a organização não os justificar. (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002, p. 77).

Sobre o diabo, Riobaldo não gostava de conversar: "Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores" (ROSA, 2006, p. 08). Mas de maneira paradoxal esta personagem aparece em suas falas constantemente e como ele mesmo afiança, "... Quem muito se evita, se convive" (ROSA, 2006, p. 08). São dezenas de denominações diferenciadas que Rosa dará ao Demônio: o Belzebu, o Morcegão, o Tibes, o Demo, o Cão, o Pé-Preto, o Dubá-Dubá, o Pai da Mentira, o Careca, o Barzabu, o Romãozinho, o Danador, o Homem, o Grão-tinhoso, o Tal, o Sujo, o Diá, o Aquele, o Que-Não-Ri, o Pé-de-pato, o Xu, o Tristonho, o Arrenegado, o Que-Não-Há, o Indivíduo, o Tendeiro, o Cão Miúdo, o Mal do Mal, o Severo-Mor, o Di, o Diogo, o Pactário, o Dê, o Debo, o Tinhoso, o Canho, o Rapaz, o Galhardo, o Tisnado, o Tranjão, o Satanão, o Que-diga, o Ocultador, o Filho do Demo, o Lúcifer, o Sem-Gracejos, o Cramulhão, o Capiroto, o satanazim, o Rei Diabo, o Anhangão, o Manfarro, o Solto-Eu, o Temba, o Azarape, O Cujo, o O, o Mal-encarado, o Muito-Sério, o Dado, o Tentador, o Danado, o Dos-Fins, o Das-Trevas, o Sempre-Sério, o Carocho, o Diacho, o Sem-olho, o Um-que-não-existe, o Ele, o Coisa-Ruim, o Coisa-Má, o Demônio, o Diabo, o Capeta, o Que-nunca-se-ri, o Coxo, o Tunes, o Outro, o Drão, o demonião, a Figura, o Que-não-existe, o Que-não-fala, o Oculto, o Austero, o Maligno, o Bode-Preto, o dianho, o dião, o cão extremo, o Pai do Mal, o Sobredito, o Satanás.



Os romancistas do século XVIII aprenderam que a noção de realidade se reforça pela descrição de pormenores, e nós sabemos que, de fato, o detalhe sensível é um elemento poderoso de convicção... De certo modo, é parecido o trabalho de compor a estrutura do romance, situando adequadamente cada traço que, mal combinado, pouco ou nada sugere; e que, devidamente *convencionalizado*, ganha todo o seu poder sugestivo. Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002, p. 79, 80).

Importante resaltar que mesmo com todo o esforço e detalhes por parte dos autores, sempre as personagens estarão fragmentadas e limitadas, em extrema consonância com a nossa própria visão particular dos seres humanos (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002). Todas as comparações, todas as metáforas, todas as imagens que vão dando forma à personagem, só podem ser decodificadas a partir da cultura recuperada e reinventada pelo escritor (BRAIT, 1985, p. 35). As caracterizações serão “sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é *inefável*” (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002, p. 32). As personagens romanceadas serão sempre tratadas de modo fragmentário, da mesma forma insatisfatória, incompleta que percebemos os seres reais em nossa volta (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002). Seres em construção com rasas e profundas transformações. Teoria confirmada nas palavras de Riobaldo:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (ROSA, 2006, p. 23).

Não podemos perder de vista que a personagem é um ser fictício, “cópia do real” e não o ser real, o que seria a negação do romance, transformando-o em relato histórico. É por meio dos recursos da escrita que os autores retratam as entranhas misteriosas dos seres humanos em seus personagens, transformando-os em seres insondáveis e inesgotáveis como os vivos, levando a ficção às suas consequências últimas. Os personagens apresentam características de afinidades e também de diferenças quando comparados com os seres reais e que tanto uma e outra são importantes para o construto do sentimento de verdade, da verossimilhança (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002). “O romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, ROSENFELD, et al., p. 55). Assim os autores das narrativas,

dos romances, da ficção, buscam em suas experiências, vivências e memórias às inúmeras e variáveis "realidades" de suas personagens.

Se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. Estes aspectos profundos, muitas vezes de ordem metafísica, incomunicáveis em toda a sua plenitude através do conceito, revelam-se, como num momento de iluminação, na plena concreção do ser humano individual. São momentos supremos, à sua maneira perfeitos, que a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de um modo tão nítido e coerente, nem de forma tão transparente e seletiva que possamos perceber as motivações mais íntimas, os conflitos e crises mais recônditos na sua concatenação e no seu desenvolvimento. (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002, p. 45).

Para exemplificarmos a passagem acima citada, buscamos um pequeno trecho já nas páginas iniciais de *GSV* no qual Riobaldo expõe ao seu interlocutor "invisível" o seu olhar a respeito das características e/ou personalidades de alguns poucos companheiros de batalhas e se posiciona com conhecimento de causa e autoridade do ser vivido no sertão sobre questões psicossociais ainda vigentes e "universais" na atualidade.

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiari. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montante, o mais supro, mais sério – foi Medeiro Vaz. Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro – grande homem príncipe! – era político. Zé-Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Só Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo preço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antônio Dó – severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o "Urutu-Branco"? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino... (ROSA, 2006, p. 16,17).

Desta forma, o leitor observa as personagens ao passo que vivencia os seus dramas no decorrer da leitura. E este vivenciar se dá por meio da arte, pois, estando do "lado de fora" a contemplar o enredo, o leitor consegue absorver as suas nuances e entrelinhas com muito mais facilidade, graças ao modo irreal e ao mesmo tempo verossímil que se apresenta. Quem

realmente vivenciasse a história, não poderia contemplá-la devido à proximidade com do objeto. E quem a contemplasse sem conexão com a sua realidade, não a refiguraria em sua vida (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002).

O texto quando bem trabalhado torna um dado “irreal” totalmente natural (CANDIDO, ROSENFELD, et al., 2002). É o que se viu anteriormente com a presença do Diabo em *GSV*. A personagem, mesmo que “irreal”, nos dá a impressão de um ser vivente e presente no mundo e na vida, capaz de nos influenciar e até mesmo de se tornar nosso “parceiro” por meio do pacto.

A personagem será sempre um ser reproduzido e um ser inventado, nunca existindo em nenhuma das duas alternativas um estado absoluto de pureza. Ao criar, o autor inventa, copia, exprimi a si mesmo, deforma a realidade. Sendo assim, haverá uma estreita relação entre ele e as personagens, sempre terá um pouco da sua realidade, da sua ficção e da sua força criativa.

Podemos perceber nas falas do próprio João Guimarães Rosa esta realidade múltipla em criar os seus personagens, ora inspiração sobrenatural, ora retrato de si mesmo, ora transfiguração da realidade:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se os tivesse “traduzindo”, de algum alto *original*, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das idéias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa “tradução”. Assim, quando me re-traduzem para um outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do “original ideal”, que eu desvirtuara... (ROSA, 2003, p. 99).

Quero afirmar (...) que quando escrevi, não foi partindo de pressupostos intelectualizantes, nem cumprindo nenhum planejamento cerebrino cerebral deliberado. Ao contrário, tudo, ou quase tudo, foi efervescência de caos, trabalho quase “mediúnico” e elaboração subconsciente. Depois, então, do livro pronto e publicado, vim achando nele muita coisa; às vezes, coisas que se haviam urdido por si mesmas, muito milagrosamente. Muita coisa dele, livro, e muita coisa de mim mesmo. (ROSA, 2003, p. 89).

Sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes, talvez, como o Riobaldo do “G.S.: V”, pertença eu a todas. E especulativo, demais. Daí, todas as minhas, constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberem meus livros. Talvez meio existencialista-cristão (alguns me classificam assim), meio neo-platônico (outros me carimbam disto), e sempre impregnado de hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou. (ROSA, 2003, p. 90).

Não preciso inventar contos, eles vêm a mim, me obrigam a escrevê-los. Acontece-me algo assim como (...) dizem em alemão: *Micht reitet auf einmal*, que neste caso se chama precisamente inspiração. Isto me acontece de forma tão conseqüente e inevitável, que às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo. É tão imperativo... (ROSA in LORENZ, 1973, p. 327).

Aqui também podemos relembrar a viagem de maio de 1952, quando Guimarães Rosa percorreu um trajeto de duzentos e quarenta quilômetros em dez dias no sertão mineiro, acompanhado de um grupo de boiadeiros e de um grande rebanho. Rosa tudo anotava em sua caderneta (hoje no acervo da USP), as histórias, as frases, a linguagem, os nomes dos animais, plantas e lugares. O resultado desta experiência se faz presente nos seus textos e personagens. Importante ressaltar que a forma de estudo e criação da personagem vem sofrendo alterações desde Aristóteles até os dias atuais, sendo assim:

... uma abordagem atual da personagem de ficção não pode descartar as contribuições oferecidas pela Psicanálise, pela Sociologia, pela Semiótica e, principalmente, pela Teoria Literária moderna centrada na especificidade dos textos. A essa altura dos estudos críticos, o analista deve considerar a longa tradição do estudo da personagem e, sem superestimar ou minimizar a função desse componente em relação aos outros que dão forma à narrativa, encontrar a sua especificidade na íntima relação existente entre essa e as demais instâncias do discurso literário (BRAIT, 1985, p. 39).

Tratando-se do *Dicionário de Personagens do romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa*, não podemos deixar de considerar, que a leitura do dicionário e os sentidos que ela produzirá em seus leitores dependerá da relação deste leitor com o texto, com as personagens e com o sentido das palavras/verbetes nele apresentados. E que não existe leitura única, assim como não há sentidos fixados e imutáveis nos dicionários e nas personagens (NUNES, 2010).

Ler o dicionário é saber que há certos sentidos que aparecem e se sedimentam, se estabilizam, mas ao mesmo tempo é saber que eles sempre estão sujeitos a serem outros, sempre estão sujeitos aos equívocos, aos deslizamentos de sentido, às contradições entre diferentes posições de leitura. (NUNES, 2010, p. 12).

Outro procedimento de leitura do dicionário, este menos usual, mas de igual importância, é a explicitação da posição do lexicógrafo quanto ao modo de definir. As definições, do ponto de vista discursivo, não são neutras, elas são sempre efetuadas a partir de uma posição discursiva, que pode não coincidir com a posição que ocupa o leitor. (NUNES, 2010, p. 13).

*GSV* ainda será vasculhado por inúmeros leitores e pesquisadores de toda ordem, justificando a relevância e pertinência do *Dicionário de Personagens do romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa*. Este dicionário, se apresenta como um original trabalho que contribuirá para a fortuna crítica rosiana, fortalecendo o seu caráter interdisciplinar e servirá de fonte de pesquisa para estudantes, leitores, professores, teatrólogos, cineastas e

pesquisadores que nele encontrarão descritos individualmente e em ordem alfabética o total de 347 personagens presentes na obra, junto à uma passagem do livro que cita cada personagem.

## 2 DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DO ROMANCE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

### Chave do Dicionário

Entrada: Nome do Personagem.  
Vem em negrito.

**Admeto** – Jagunço cantador. Cantava pelo nariz, músicas sentimentais, junto ao Liduvino. Estava no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço.

[A lá, que aonde estava o oculto, a gente ia em canoa, baldear a munição. Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo ó Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada. A gente, jantou-se, já se estava de saída, para toda viagem. Eu ia com eles.] (ROSA, 2006, p. 141).

Descrição da Personagem pelo dicionarista.

Passagens originais retiradas do texto que de alguma forma caracterizam ou citam a personagem em questão. Vem entre colchetes ([ ]) com o objetivo de manter as aspas originais utilizadas na escrita pelo autor.

Obra usada como referência.

**Abrão** – Senhor de boa idade, sertanejo, calmo, sensato e firme. Capitão da guarda nacional, dono do retiro chamado Valado, próximo ao Sucruíú, dono de outro retiro chamado Coruja e dono de uma fazenda grande na vertente do Resplendor. Vestia brim azul escuro e calçava botas pretas até aos joelhos. Deu a Riobaldo um belo cavalo, que foi chamado de Siruiz. Após o tempo dos jagunços, levou a Riobaldo mais um cavalo e a notícia da morte do seu padrinho Selorico Mendes.

[Mas se ficou sabendo que o nome dele não era em verdade Abrão, mas Habão, que assim se chamava. Consoante o diploma de patente, que no chão, num canto, avistei, lavrado preenchido cerimonial, de que esse Habão era Capitão da Guarda-Nacional, em válidos títulos.] (ROSA, 2006, p. 398).

**Acauã** – Jagunço, contra-guia de Riobaldo. Ensinou junto ao Sumião, o Jesualdo, o Araruta e o Nestor a afiarem os dentes com faca. Um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Apoiou Riobaldo quando este tomou a chefia de Zé Bebelo.

[... o *Acauã*, um roxo esquipático, só de se olhar para ele se via o vulto da guerra...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Acerejo** - Jagunço, citado na obra. Morreu em combate na Fazenda dos Tucanos.

[Assim – entardecer, anoitecer – galopassem em algum cavalo arranjado nos campos, e o tempo da gente eles estendiam. Será que haviam de vir os soldados? Aquele outro dia, morreu mais o Acerejo. A tudo, o cheiro de morte velha. – “O mau-fétido que vai terminar mazelandando a gente...” – sempre um dizer.] (ROSA, 2006, p. 352- 353).

**Acrísio** – Jagunço, presente no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço. Morreu em combate na Fazenda dos Tucanos.

[Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo o Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada.] (ROSA, 2006, p. 141).

**Adalgizo** – Jagunço, presente na batalha dos Ramiros contra os soldados de Zé-Bebelo.

[Agora, era a guerra, mesmo, estariam rompendo as aleluias, lá por lá. Onde, daí, veio o Adalgizo: – “Seô Hermógenes passou, obra de seis léguas, vai dar combate...” Nossa hora de fogo estava perto. Assim os bebelos tinham de passar de fugida por ali no É-Já, resvés.] (ROSA, 2006, p. 247).

**Adão Lemes** – Conduzia a sua irmã e fazendeira Aesmeralda, para sua casa. Foi confundido por um vaqueiro, devido ao nome, com o senhor Habão.

[O homem se chamava só Adão Lemes, indo conduzindo a irmã dele, fazendeira, cujo nome é Aesmeralda... Iam de volta para suas casas...] (ROSA, 2006, p. 597).

**Adílcio** – Jagunço vaidoso por suas maldades. No Timba-Tuvaca, Riobaldo achou que ele iria matar um prisioneiro do grupo dos Bebelos, usando de covardia com uma faca. Na realidade ele passou com uma faca-de-arrasto para retalhar um porco.

[Um, um Adílcio, com vaidade de ser capaz da maldade qualquer, pavão de penas.] (ROSA, 2006, p. 241).

**Admeto** – Jagunço cantador. Cantava pelo nariz, músicas sentimentais, junto ao Liduvino. Estava no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço.

[A lá, que aonde estava o oculto, a gente ia em canoa, baldear a munição. Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo ó Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada. A gente, jantou-se, já se estava de saída, para toda viagem. Eu ia com eles.] (ROSA, 2006, p. 141).

**Aduarte Antoniano** – Sujeito mau, ganancioso e traiçoeiro. Foi atacado a pauladas por um homem que acreditou ser ele o delegado Dr. Hilário.

[...um Aduarte Antoniano, que estava lá – o sujeito mau, agarrado na ganância e falado de ser muito traiçoeiro.] (ROSA, 2006, p. 460).



**Aduvaldo** – Jagunço, citado na obra. Morto em combate pelos Judas na Fazenda dos Tucanos.

[Mas ouvi: – “... Mataram o Simião...” Simião? Perguntei: – “E o Doristino?” – “Ãã? Homem, não sei...” – alguém me respondendo. – “Mataram o Simião e o Aduvaldo...” E eu ralhei: – “Basta!”] (ROSA, 2006, p. 324).

**Advindo** – Jagunço, bom jogador de bilhar. Certa vez, fez par com Riobaldo em um jogo de sinuca.

[Certa vez, entrei num salão, os companheiros careciam que eu jogasse, mor de inteirar a parceria. Bilhar – quero dizer. Eu não sabia, total. Tinha nunca botado a mão naquilo. – “Faz mal nenhum” – o Advindo disse. – “Você forma comigo, que sou tão no taco. João Nonato, com o Escopil, jogam de contra-lado...” Aceitei.] (ROSA, 2006, p. 162).

**Aesmeralda** – Fazendeira, irmã do Adão Lemes.

[- “Era a vossa noiva não, Chefe...” – o que Alaripe relatava. – “O homem se chamava só Adão Lemes, indo conduzindo a irmã dele, fazendeira, cujo nome é Aesmeralda... Iam de volta para suas casas... Os que, então, no Porto-do-Ci deixamos, na barra do Caatinga...”] (ROSA, 2006, p. 597).

**Ageala** – Meretriz do Verde-Alecrim, filha de grande fazendeiro paranãista, falecido. Dona de toda a terra plantável do Verde-Alecrim e roças de milho e feijão.

[A outra, Hortência, meã muito dindinha, era a Ageala, conome assim, porque o corpo dela era tão branquinho formoso, como frio para de madrugada se abraçar... Ela era ela até no recenso dos sovacos. E o fio-dolombo: mexidos em curvos de riacho serrano, desabusava. Comprimento exato dele, assim, o senhor medir nunca conseguia.] (ROSA, 2006, p. 526).

**Ageala Hortência** – ver *AGEALA*.

**Alarico Totõe** – Fazendeiro de Grão-Mogol, irmão de Aluiz Totõe. Foi junto de Joca Ramiro e outros jagunços na Fazenda São Gregório, quando Riobaldo ainda era rapaz, pedir apoio à Selorico Mendes.

[– Alarico Totõe – estava expondo, explicando. Todos continuavam sem tomar assentos. Alarico Totõe sendo um fazendeiro do Grão-Mogol, conhecido de meu padrinho. Ele, com seu irmão Aluiz Totõe, pessoas finas, gente de bem.] (ROSA, 2006, p. 116).

**Alaripe** – Cearense, cabeça chata, sério, olhar vivo. Este foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Esteve com Riobaldo na busca por Otacília e na busca das origens de Diadorim. Foi junto de Joca Ramiro e outros jagunços na Fazenda São Gregório, quando Riobaldo ainda era rapaz, pedir apoio à Selorico Mendes.

[... – “Noite é p’ra surpresas de estratagemas, noite é de bicho no usável...” – o Alaripe baixo falou. O cearense bom: esse permanecia em tudo igual, com ele a gente desproduzia qualquer remorso, o brigar parava sendo obrigação de vivente, conciso dever de homem. Por uns assim, eu punia. Por uns, assim, eu devia de ser inteiro leal, eu mesmo.] (ROSA, 2006, p. 348).

**Aleixo** – Residia próximo ao Passo do Pubo no da-Areia, homem ruim, pai de três filhos e uma filha, que adoeceram de sarampo, depois tiveram inflamações nos olhos que os deixaram cegos. Criava traíras enormes em um açude. Matou um velho mendigo, sem motivo algum. Após a cegueira dos filhos, ele se tornou bom e caridoso, voltado para as coisas Divinas.

[Olhe: um chamado Aleixo, residente a légua do Passo do Pubo, no da-Areia, era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu.] (ROSA, 2006, p. 12).

**Alípio** – ver *ALÍPIO MOTA*.

**Alípio Mota** – Cunhado de Sô Candelário, chefiava o grupo que vinha do norte, da Lagoa-do-Boi para o combate com os Judas. Foi preso e não se teve conhecimento para que cadeia o levaram.

[... debaixo do comando de Alípio Mota, cunhado de Sô Candelário.] (ROSA, 2006, p. 301).

**Almirante** – Residente da capital federal, dono de boas terras entre as Veredas-Quatro.  
 [Posso vender essas boas terras, daí de entre as Veredas-Quatro – que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal?] (ROSA, 2006, p. 25).

**Alparcatas / Alpercatas** – ver *JÕE BEXIGUENTO*.

**Aluiz Totõe** – Irmão de Alarico Totõe. Foi junto de Joca Ramiro e outros jagunços na Fazenda São Gregório, quando Riobaldo ainda era rapaz, pedir apoio à Selorico Mendes.

[Alarico Totõe sendo um fazendeiro do Grão-Mogol, conhecido de meu padrinho. Ele, com seu irmão Aluiz Totõe, pessoas finas, gente de bem. Tinham encomendado o auxílio amigo dos jagunços, por uma questão política, logo entendi.] (ROSA, 2006, p. 116).

**Ana Duzuza** – Dona advinhadora, filha de ciganos, mãe da meretriz Ana Duzuza. Contou a Riobaldo que Medeiro Vaz planejava atravessar o Liso do Sussuarão com o grupo de jagunços.

[Mãe dela chegou, uma velha arregalada, por nome de Ana Duzuza: falada de ser filha de ciganos, e dona adivinhadora da boa ou má sorte da gente; naquele sertão essa dispôs de muita virtude.] (ROSA, 2006, p. 33).

**Andalécio** – Amigo de Riobaldo, homem-de-bem, estouvado e raivoso em sua justiça. Seu nome real era: Indalécio Gomes Pereira. Certa vez foi preso pelo Major Alcides Amaral que cortou-lhe o bigode. Tempos depois realizou ataque de vingança ao Major Amaral, em São Francisco, junto a Antônio Dó comandando mais de mil homens.

[A ver, por vingar, porque antes o major Amaral tinha prendido o Andalécio, cortado os bigodes dele. Andalécio – o que, de nome real: Indalécio Gomes Pereira homem de grandes bigodes. Sei de quem ouviu, se recordava sempre com tremores: de quando, no tiroteio de inteira noite, Andalécio comandava e esbarrava, para gritar feroz: – “Sai pra fora, cão! Vem ver! Bigode de homem não se corta!...” Tudo gelava, de só se escutar.] (ROSA, 2006, p. 166).

**Anhangão** – ver *DIABO*.

**Antenor** – Jagunço coração-de-jesusense. Amigo do Hermógenes. Sabia coçar queixo de cobras e semear sal em roças verdes. Perigoso nas ações.

[Um pai-jagunço chamado Antenor, acho que era coração – de-jesusense, começou a temperar conversa, sagaz de fiúza, notei. Ele era homem chegado ao Hermógenes – se sabia dessa parte.] (ROSA, 2006, p. 177).

**Antônio Dó** – Severo bandido que Riobaldo conheceu em uma feira na Vargem Bonita. Certa vez, realizou ataque ao Major Amaral, em São Francisco, junto a Andalécio comandando mais de mil homens.

[... eu conheci, certa vez, na Vargem Bonita, tinha uma feirinha lá, ele se chegou, com uns seus cabras, formaram grupo calados, arredados.] (ROSA, 2006, p. 167).

**Apôrrro** – ver *DIABO*.

**Aquele** – ver *DIABO*.

**Araruta** – Jagunço que, junto com o Jesualdo e o Nestor, afiava os dentes com faca deixando-os pontiagudos. Homem de confiança com mais de cem mortes.

[... e do Araruta – de toda confiança: esse homem já tinha para mais de umas cem mortes.] (ROSA, 2006, p. 543).

**Arduininho** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Arduininho morreu. Morreram o Figueiró, Batata-Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Aristides** – Morador da Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita.

[Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele – dizem só: *o Que-Diga*. Vote! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides – o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita...] (ROSA, 2006, p. 08).

**Assis Wababa** – Negociante turco, morador do Curralinho. Atencioso e ladino. Esposo de Dona Abadia e pai de Rosa úarda.

[... negociante forte, seo Assis Wababa, dono da venda *O Primeiro Barateiro da Primavera de São José* – (...), eles todos turcos, armazém grande, casa grande, seo Assis Wababa de tudo comerciava. Tanto sendo bizarro atencioso, e muito ladino, ele me agradava, dizia que meu padrinho Selorico Mendes era um freguesão, diversas vezes me convidou para almoçar em mesa.] (ROSA, 2006, p. 114).

**Assunção** – Jagunço presente no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço.

[Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo ó Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada. A gente, jantou-se, já se estava de saída, para toda viagem. Eu ia com eles.] (ROSA, 2006, p. 141).

**Assunciano** – Matuto do Pubo. Pai de Sinfrônio.

[... Assunciano: quando se falava em fogo, ele já ficava com o corpo para diante, meio entortado; e que ele era magro, mas ovante, barrigudo mediamente; e, de um qualquer um chapéu simples, mas um pouco mais enfeitado ou novo, ele já demonstrava mirar de boba inveja...] (ROSA, 2006, p. 544).

**Ataliba** – Jagunço que no Gerais da Pedra matou o capiau, que havia assassinado a tiro o Eleutério, usando um facão.

[O capiau se encobriu detrás do forno de assar biscoito – de lá fazia pontaria com a espingarda – e balas nossas levantavam terra ao redor dali, feito um ciscado de cachorro grande. Dentro da cafua também restavam outros soldados; que deram contas a Deus. Ataliba, com o facão, pregou o capiau na taipa da cafua, ele morreu mansinho, parecia um santo. Ficou lá, espetado. Nós – eh – bom. Conseguimos aragem. Até em um ponto de a salvo conversarmos.] (ROSA, 2006, p. 69).

**Austero** – ver *DIABO*.

**Azinhavre** – Um dos homens endemoninhados ou com encosto que Riobaldo conheceu.

[Arres, me deixe lá, que – em endemoninhamento ou com encosto – o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangued’Outro, o Muitos-Beijos, o Rasgaem-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?] (ROSA, 2006, p. 09- 10).

# B

aldo - ver *RIOBALDO*.

**Balsamão** – Jagunço geralista das campinas. Homem de maneiras grossas, conterrâneo e muito amigo do José Vereda.

[O José Vereda cachimbava, sentado perto de seus pertences. O Balsamão estava ali junto. Esse era maneiras-grossas, homem de muito sobrecenho. Derradeiramente eles estavam muito amigos, mesmo porque os dois eram da mesma terra – geralistas das campinas.] (ROSA, 2006, p. 427).

**Batata-Roxa** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, Batata-Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Batatinha** – Jagunço que gostava de contrariar o que os outros diziam. Sabia que Ezirino queria deixar os Ramiros e combater do lado dos Bebelos, por isso, foi morto por ele.

[*Ezirino* matou um companheiro, que *Batatinha* se chamava, o pobre dum cafuz magrelo, só que tinha o danado defeito de contrariar qualquer coisa que a gente falava.] (ROSA, 2006, p. 174).

**Bernabé** – Vaqueiro, vendedor de requeijão.

[Dada a primeira estiada, voltou aquele vaqueiro Bernabé, em seu cavalinho castanho; e vinha trazer requeijão, que se tinha incumbido a ele, e que por dinheirinho bom se pagou. – “A vida tem de mudar um dia para melhor” – a gente dizia. Requeijão é com café bem quente que é mais gostoso. Aquele vaqueiro Bernabé voltou, outras diversas vezes.] (ROSA, 2006, p. 295).

**Berósio** – Jagunço que morreu em combate contra os Judas, na Fazenda dos Tucanos.

[Morreu mais o Berósio. Morreu o Cajueiro. O Moçambicão e Quim Queiroz, para a gente se sortir, traziam as quantidades de balas.] (ROSA, 2006, p. 344).

**Bicalho** – Jagunço, citado na obra. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[Aí, mortos: João Frio, o Bicalho, Leôncio Fino, Luís Pajeú, o Cambó, Leite-de-Sapo, Zé Inocência... uns quinze. Até se deu um tiroteio terrível; mas o pessoal do Hermógenes e do Ricardão era demais numeroso... Dos bons, quem pôde, fugiram corretamente. Silvino Silva conseguiu fuga, com vinte e tantos companheiros...] (ROSA, 2006, p. 297).

**Bigri** – Mãe de Riobaldo. Morou no sítio Caramujo, atrás do Rio Verde que deságua no Rio Paracatu, entre a Serra das Maravilhas e a Serra dos Alegres. Depois mudou para a Sirga, nas margens do Rio de Janeiro, próximo ao Rio São Francisco, onde faleceu em um dezembro chuvoso.

[Adiante? Conto. O seguinte é simples. Minha mãe morreu – apenas a Bigri, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza.] (ROSA, 2006, p. 110- 111).

**Bobadela** – Jagunço, citado na obra.

[- “Aí é o nosso João Goanhá, com os cabras...” – disse Diadorim, que tinha a rede dele armada da minha a uns três passos. Assim era. João Goanhá, o Paspe, Drumão, o compadre Ciril, o Bobadela, o Isidoro...] (ROSA, 2006, p. 434).

**Bode-Preto** – ver *DIABO*.

**Borromeu** – Matuto do Pubo. Cego, o qual Riobaldo levou junto ao grupo de jagunços, colocando-o em um cavalo manso. Depois da Batalha do Paredão, foi levado de volta às suas terras pelo próprio Riobaldo.

[... - “E o Borromeu? E o Borromeu?” – ainda perguntavam. Quem era que esse Borromeu? Mandei vir. Um cego; ele era muito amarelo, escreiente, transformado. - “Responde, tu velho, Borromeu: que é que tu faz?” - “Estou no meu canto, cá, meu senhor... Estou me acostumando com o momentozinho de minha morte...” Cego, por ser cego, ele tinha direito de não tremer. - “Tu é devoto?” - “Pecador pior. Pecador sem o que fazer, pede preto, pede padre...” Apontou com o dedo. Levei os olhos. Não vi nada. É assim, a esmo, que os cegos fazem. Aquele era o bom rumo do Norte. - “Ah, meu senhor, eu sei é pedir muitas esmoladas...” Pois, então, que viesse também o Borromeu, viesse. Mandei que montassem o dito num cavalo manso, que da banda da minha mão direita devia sempre de se emparelhar. Alguns riram. E,



pelo que riram, de certo não sabiam – que um desses, viajando parceiro com a gente, adivinha a vinda das pragas que outros rogam, e vão defastando o mau poder delas; conforme aprendi dos antigos.] (ROSA, 2006, p. 446).

**Braz** – Jagunço que deslocou a frente do grupo, para o Jio com dois jumentos, levando mantimentos e utensílios de cozinha.

[E, mesmo, nas más horas é que vem bom consolo: para o Jio tinha tocado, de antevéspera, o Braz, nessa antecedência em dois jumentos ele tinha trazido mantimento de feijão e arroz, e toucinho para torresmos, e pratos e panela, se cozinhou um jantar. Tanto que comi, deitei. Dormi impado.] (ROSA, 2006, p. 218).

**Cabra da Zagaia** – Bravo homem da Zagaia, traidor. Zé Bebelo mandou amarrar e lhe dar uma surra.

[E Zé Bebelo pegava no ar as pessoas. Chegou um brabo, cabra da Zagaia, recomendado. – “Tua sombra me espinha, juazeiro!” – Zé Bebelo a faro saudou. E mandou amarrar o sujeito, sentar nele uma surra de peia. Atual, o cabra confessou: que tinha querido vir drede para trair, em empreita encobertada. Zé Bebelo apontou nos cachos dele a máuser: estampido que espatifa – as miolagens foram se grudar longe e perto. A gente pegou cantando a Moda-do-Boi.] (ROSA, 2006, p. 77).

**Caçanje** – Jagunço que a mando de Sô Candelário, foi junto a Diadorim e Riobaldo em busca de notícias no É-Já.

[Diadorim e o Caçanje iam já mais longe, regulado umas duzentas braças. Arte que perceberam que eu vinha, se viraram nas selas.] (ROSA, 2006, p. 245- 246).

**Caetano Cordeiro** – ver *CORONEL CAETANO*.

**Cajueiro** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate contra os Judas, na Fazenda dos Tucanos.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em- Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e o *Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Cambó** – Jagunço, citado na obra. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[Aí, mortos: João Frio, o Bicalho, Leôncio Fino, Luís Pajeú, o Cambó, Leite-de-Sapo, Zé Inocência... uns quinze. Até se deu um tiroteio terrível; mas o pessoal do Hermógenes e do Ricardão era demais numeroso... Dos bons, quem pôde, fugiram corretamente. Silvino Silva conseguiu fuga, com vinte e tantos companheiros...] (ROSA, 2006, p. 297).

**Campelo** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, Batata Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Cão** – ver *DIABO*.

**Capiau** – Capiau do Gerais da Pedra, que matou Eleutério com tiros no rosto e no peito. Depois foi morto pelo Ataliba com um facão.

[Lá, o Eleutério se apartou da gente, umas cem braças, e foi, a pé, bateu em porta duma cafua, por esclarecer. O capiau surgiu, ensinou alguma coisa, errada. Eleutério agradeceu, deu as costas, veio andando uns passos. O capiau então chamou. Eleutério virou para trás, para ouvir o que havia, e levou na cara e nos peitos o cheio duma carga de chumbo fino.] (ROSA, 2006, p. 68- 69).

**Capitão Carvalhais** – Veio do Norte para vingar Zé Bebelo, que já estava exilado no Góias. Assim, virou contra o grupo de Joca Ramiro, que antes, tivera livrado Zé Bebelo das facas do Hermógenes e do Ricardão.

[E veio depois, com muitos mais outros, um capitão Carvalhais, maior da marca, esse bebia café em cuité e cuspiam pimenta com pólvora. Sofremos, rolamos por aí aqui, se rolou.] (ROSA, 2006, p. 303).

**Capitão Melo Franco** – Soldado do Governo que perseguia e combatia os jagunços.

[A verdade digo ao senhor: os soldados do Governo perseguiram a gente. Major Oliveira, Tenente Ramiz e Capitão Melo Franco - esses não davam espaço.] (ROSA, 2006, p. 57).

**Capitão Severiano Francisco de Magalhães** – Companheiro do Neco e conhecido de Selorico Mendes. Faz parte de um caso que Selorico Mendes contou à Riobaldo na Fazenda São Gregório.

[– “Estive lá, com carta firmada pelo Capitão Severiano Francisco de Magalhães, que era companheiro combinado do Neco. O pessoal que eles numeravam em guerra comprazia uma babilônia.] (ROSA, 2006, p. 112).

**Capixúm** –Jagunço presente no grupo que Riobaldo conduziu da Fazenda São Gregório ao Cambaubal, a pedido de Selorico Mendes. Sereno, viajado, natural dos gerais de São Felipe

[Permeio com quantos, removido no estatuto deles, com uns poucos me acompanheirei, daqueles jagunços, conforme que os anjos-da-guarda. Só quase a boa gente. Sendo que são, por todos, estes: *Capixúm* – caboclo sereno, viajado, filho dos gerais de São Felipe...] (ROSA, 2006, p. 173).

**Careca** – ver *DIABO*.

**Carocho** – ver *DIABO*.

**Cardeque** – Allan Kardec. Pedagogo francês, discípulo de Pestalozzi, codificador da Doutrina Espírita.

[Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. (ROSA, 2006, p. 16).

**Caridoso** – ver *DADÁ SANTA-CRUZ*.

**Carro-de-Boi** – Jagunço que era gago.

[... o *Carro-de-Boi*, gago, gago.] (ROSA, 2006, p. 174).

**Catocho** – Jagunço, mulato claro e curado de bala.

[O *Catocho*, mulato claro – era curado de bala.] (ROSA, 2006, p, 174).

**Cavalcânti** – Jagunço competente, mas, soberbo. Se ofendia com qualquer brincadeira. Estava presente na Batalha do Paredão.

[...competente sujeito, só que muito soberbo – se ofendia com qualquer brincadeira ou palavra...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Cerzidor** – ver *RIOBALDO*.

**Chefão Cangaceiro** – ver *RIOBALDO*.

**Chico Vosso** – Jagunço, citado na obra.

[E Diodolfo, o Duzentos, João Vereda, Felisberto, o Testa-em-Pé, Remigildo, o Jósio, Domingos Trançado, Leocádio, Pau-na-Cobra, Simião, Zé Geralista, o Trigoso, o Cajueiro, Nhô Faísca, o Araruta, Durval Foguista, Chico Vosso, Acrísio e o Tuscaninho Caramé. Amostro, para o senhor ver que eu me alembro.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Clange** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, Batata Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Clorindo Campelo** – Jagunço que ajudou na vingança da morte de Joca Ramiro.

[– “Ah, sim, chefe. Os todos os outros: João Goanhá, Só Candelário, Clorindo Campelo.] (ROSA, 2006, p. 297).

**Coliorano** – Morava próximo ao Vãozinho-do-Mujo, num buritizal de lagoa. Fabricava chapéus-de-palha de excelente qualidade. Guardava munição para os jagunços.

[...e no Coliorano, depois do Mujo. Vãozinho-do-Mujo, esse acho que era certo também, o nome. Mas o Coliorano morava num buritizal de lagoa, e fazia chapéus-de-palha fabricados; dos melhores.] (ROSA, 2006, p. 542).

**Compadre Ciril** – Compadre de Riobalbo, tinha três filhos. Foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Apoiou Riobaldo quando este tomou a chefia de Zé Bebelo.

[... e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem.] (ROSA, 2006, p. 24).

**Conceição** – Jagunço que recortava e guardava em uma sacola todos os retratos de mulheres que encontrava. Destroncou o braço no Sítio Padre-Peixoto.

[... o Conceição, guardava numa sacola todo retrato de mulher que ia achando, até recortado de folhinha ou de jornal; ...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Constantino** – Matuto do Pubo. Tinha uma foice encabada e comprida.

[Outro, que tinha uma foice encabada muito comprido, e um porongo pendurado a tiracol por uma embira, cochichava com os restantes uma séria falação: a qual uma espécie de pajelança. Artes vezes ele guinchava, feito o demônio gemedeiro. Esse, que por nome de Constantino acudia.] (ROSA, 2006, p. 384).

**Coronel Adalvino** – Forte político que combateu os jagunços junto ao Tenente Reis Leme e seus homens, no Ribeirão Traçadal, distrito de Rio Pardo, próximo a Serra-Nova.

[... forte político, com muitos soldados fardados no meio centro...] (ROSA, 2006, p. 19).

**Coronel Caetano Cordeiro** – Fazendeiro e/ou político. Amigo de Joca Ramiro.

[... Joca Ramiro era rico, dono de muitas posses em terras, e se arranchava passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos, deles recebia dinheiro de munção e paga: seô Sul de Oliveira, coronel Caetano Cordeiro, doutor Mirabô de Melo.] (ROSA, 2006, p. 177- 178).

**Coronel Camucim** – Fazendeiro graúdo dos Arcanjos, comarca de Rio Pardo.

[Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos. Nisto que na extrema de cada fazenda some e surge um camarada, de sentinela, que sobraça o pau-de-fogo e vigia feito onça que come carcaça.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Coronel Digno de Abreu** – Grande fazendeiro que dispôs de mais de trinta homens a comando do seu filho, para a vingança da morte de Joca Ramiro. Ofereceu também gado para se abater, farinha, sal, açúcar preto, café, fubá, arroz e feijão.

[E o grande fazendeiro coronel Digno de Abreu, que mandou, seus, trinta e tantos capangas, também, por Luís de Abreuzinho comandados, que era dele filho-natural. E o gado em pé que se provia, para se abater e se comer, chegava a ser uma boiada. Com sacas de farinha, surrão de sal, e açúcar preto e café – até em carro-de-bois os mantimentos de fubá e arroz e feijão entregados.] (ROSA, 2006, p. 301).

**Coronel Horácio de Matos** – Coronel que ajudou Titão Passos a fugir de uma tropa de soldados para a Bahia.

[Titão Passos? Ah, perseguido por uma soldadesca, tivera de se escapar para a Bahia, pela proteção do Coronel Horácio de Matos.] (ROSA, 2006, p. 66).

**Coronel João Duque** – Homem de valor e poder, pai da coragem. Dono da Carinhanha.

[“*Carinhanha é bonitinha...*” – uma verdade que barranqueiro canta, remador. Carinhanha é que sempre foi de um homem de valor e poder: o coronel João Duque – o pai da coragem.] (ROSA, 2006, p. 167).

**Coronel Juca Sá** – Dono da Fazenda São Joãozinho, onde o grupo de jagunços passaram alguns dias.

[E nós ficamos esperando a volta deles, cinco dias lá, com grande regozijo e repouso, na casa do preto Pedro Segundo de Rezende, que era posteiro em terras da Fazenda São Joãozinho, de um coronel Juca Sá. Até hoje, não me arrependo retratando? Os dias que passamos ali foram diferentes do resto de minha vida.] (ROSA, 2006, p. 148).

**Coronel Rotílio Manduca** – Dono da Fazenda Baluarte, próximo ao São Francisco. Magro e pequeno, mantinha homens armados na política da jagunçagem. Já contava umas duzentas mortes pelas suas mãos. Compadre do seo Ornelas.

[Conheceu, o senhor? No barranco do São Francisco – o Coronel Rotílio Manduca – em sua Fazenda Baluarte!] (ROSA, 2006, p. 458- 459).

**Coscorão** – Jagunço, canhoto e carreiro de ofício.

[... o *Coscorão*, que tinha sido carreiro de muito ofício, mas constante que era canhoto...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Cosme de Andrade** – Aparece em um caso contato por Riobaldo. Junto a Olivino Oliviano fez um cerco a Dutra Cunha, na fazenda do Canindé.

[O prazo que ali assim íamos ter de tolerar, no carregamento da guerra. A gente até carecesse, no derradeiro durar, de comer somente os couros assados – conforme o caso terrível de Dutra

Cunha, de um diabo, que, em sua fazenda do Canindé, resistiu ao cerco de Cosme de Andrade e Olivino Oliviano.] (ROSA, 2006, p. 352).

**Cramulhão** – ver *DIABO*.

**Credo** – Jagunço, citado na obra.

[Pessoalmente, ficou com o maior, o de vinte – nesse figuravam os cinco urucuianos, e eu, Diadorim, Sesfredo, o Quipes, Joaquim Beiju, Coscorão, Dimas Doido, o Acauã, Mão-de-Lixa, Marruaz, o Credo, Marimbondo, Rasgaem- Baixo, Jiribibe e Jõe Bexiguento, dito *Alparcatas*.] (ROSA, 2006, p. 92).

**Cunha Branco** – Jagunço, sarado, velho guerreiro, boiava a língua com a boca aberta.

[Diante de mim, nunca terminava de atar as correias do gibão um Cunha Branco, sarado, cabra velho guerreiro: ele boiava língua em boca aberta.] (ROSA, 2006, p. 69).



**D**adá Santa-Cruz –Jagunço que recebeu o apelido de Caridoso, por que, sempre queria dar o resto de comida às pessoas necessitadas.  
 [“*Dadá Santa-Cruz*, dito “o Caridoso”, queria sempre que se desse resto de comida à gente pobre com vergonha de vir pedir...] (ROSA, 2006, p. 173-174).

**Dado** – ver *DIABO*.

**Dagobé** – Jagunço, citado na obra.

[Ei, tantos; para que que eu fui querer começar a descrever? *Dagobé, o Eleutério, Pescoço-Preto, José Amigo...*] (ROSA, 2006, p. 174).

**Danado** – ver *DIABO*.

**Danador** – ver *DIABO*.

**Davidão** – Personagem de um caso contado por Riobaldo. Jagunço que possuía muitas posses, tinha medo de morrer. Pertencia ao bando de Antônio Dó. Posteriormente deixou a jagunçagem.

[Olhe: conto ao senhor. Se diz que, no bando de Antônio Dó, tinha um grado jagunço, bem remediado de posses – Davidão era o nome dele.] (ROSA, 2006, p. 84).

**Dávila Manhoso** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, Batata Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Debo** – ver *DIABO*.

**Delfim** – Jagunço, tocador de viola.

[Um outro me esbarrou, quando passava. Era o Delfim, violeiro. Onde era que a viola ele ia poder guardar?] (ROSA, 2006, p. 200).

**Demo** – ver *DIABO*.

**Demonião** – ver *DIABO*.

**Demônio** – ver *DIABO*.

**Deovídio** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, Batata Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pesçoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**De-Rezende** – ver *PEDRO SEGUNDO DE REZENDE*.

**Deus** – Personagem que figura o bem absoluto e permeia toda a obra no imaginário de Riobaldo.

[Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaivem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoada – erra rumo, dá em aleijões...] (ROSA, 2006, p. 60).

**Diabo** - Personagem que figura o mal absoluto e permeia toda a obra no imaginário de Riobaldo.

[E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele?] (ROSA, 2006, p. 39).

**Diadorim (Reinaldo)** – Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins. Filha de Joca Ramiro que se passou por jagunço (Reinaldo) durante toda a sua vida. Nutria uma paixão escondida por Riobaldo. Ficou-se sabendo que Diadorim era mulher, somente após a sua morte

no Paredão, ocasião esta a qual ela matou o Hermógenes à faca, e foi também morta por ele. “Jagunço” claro, bonito, nariz fino, olhos verdes, usava calças de vaqueiro em couro de veado macho, curtido com aroeira-brava e campestre e jaleco. Encontrou com Riobaldo ainda menino no Rio-de-Janeiro, depois o reencontrou já adulto na casa do senhor Malinácio, quando deu o seu aval para que Riobaldo fizesse parte dos Ramiros. Marcado pela sua coragem e determinação. Sempre usava da frase: “carece de ter coragem” com a qual incentivava à Riobaldo. Diadorim, belo feroz.

[Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluçei meu desespero. O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real. Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: – “Meu amor!...”] (ROSA, 2006, p. 599).

**Diadorim** – Menino batizado por Riobaldo no Jalapão.

[Por aí, estremando, se chegava até no Jalapão – quem conhece aquilo? – tabuleiro chapadoso, proporema. Pois lá um geralista me pediu para ser padrinho de filho. O menino recebeu nome de Diadorim, também.] (ROSA, 2006, p.57).

**Dimas Doido** – Jagunço valente e esquentado, não tinha nada de doido, xingava nomes até aos galhos de árvore que nele batiam, e aos mosquitos que o incomodavam.

[...Dimas Doido, que doido mesmo não era, só valente e esquentado...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Diodato** – Jagunço, servidor da fazenda da Dona Mogiana no Esparramado. Urucuiano, seguiu com Zé Bebelo quando este retornava do Goiás para vingar a morte de Joca Ramiro. Conhecido como Diodato Nariz. Depois que Zé Bebelo deixou a chefia do bando, ele dirigiu-se a Riobaldo pedindo permissão para voltar ao Urucuia com os seus conterrâneos Pantaleão, Salústio João, João Tatu e O-Bispo.

[Reparei no chapéu na cabeça dele, que era de couro de veado suaçuapara, com macias abas e formato muito composto. A cara dele mesmo dava um ar honrável, circunspecto, por mal que com manchas, sarro de alguma velha moléstia, semelhando nódoas de caldo de caju. - “Sua graça, toda, é Diodato de quê?” – indaguei. - “Diodato Nariz, por alcunha...” – ele disse; disse, de brancura.] (ROSA, 2006, p. 497- 498).

**Diodato Nariz** – ver *DIODATO*.

**Diodôlfo** – Jagunço que deu notícia a Zé Bebelo que o Jósio estava morrendo, atingido com um tiro no pescoço. Conversava sozinho.

[Do Diodôlfo – mexendo os beiços num bis-bis: que era que sem preguiça nenhuma rezava baixo, ou repetia coisas de mal, da vida alheia, conversando com si-mesmo.] (ROSA, 2006, p. 543).

**Diôlo** – Jagunço preto de lábios grandes.

[O *Diôlo*, preto de beiço maior.] (ROSA, 2006, p. 174).

**Dodó Ferreira** – Dono de um sítio próximo a Vereda-Grande, onde o bando dos jagunços chefiados por Zé Bebelo passou depois de deixarem a Fazenda dos Tucanos. Dalí seguiram para o Currais-do-Padre. Ficaram neste sítio, o Nicolau e o Leocárdio para recuperar de ferimentos.

[Ao que, em rompendo a luz toda da manhã, se chegou no sítio dum Dodó Ferreira, onde a gente bebeu leite e os meus olhos pulavam nas árvores. Aquilo, de verdade, e eu em mim – como um boi que se sai da canga e estrema o corpo por se prazer.] (ROSA, 2006, p. 371).

**Dodó Meireles** – Morador do Currallinho, pai de Miosótis, que também foi namorada de Riobaldo.

[A lá, perto da casa de Mestre Lucas, morava um senhor chamado Dodó Meireles, que tinha uma filha chamada Miosótis.] (ROSA, 2006, p. 123).

**Domingos Touro** – Fazendeiro graúdo do Alambiques.

[Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro,

no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Domingos Trançado** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e *o Tuscaninho Caramé*. Amostro, para o senhor ver que eu me alembro. Afora algum de que eu me esqueci – isto é: mais muitos...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Dona Abadia** – Mulher turca, moradora do Currealinho, esposa de seo Assis Wababa e mãe de Rosa'uarda.

[Estimei seo Assis Wababa, a mulher dele, dona Abadia, e até os meninos, irmãozinhos de Rosa'uarda, mas com tamanha diferença de idade. Só o que me invocava era a linguagem garganteada que falavam uns com uns, a aravia.] (ROSA, 2006, p. 114).

**Dona Adelaide** – Fazendeira graúda no Campo Redondo.

[– “Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Dona Brazilina** – Esposa do seo Ornelas.

[Tudo agradei, dei a despedida, ao seo Ornelas e os dele – gente-do-evangelho. Saí somente com o Alaripe e o Quipes, os outros deixei à espera de minha volta, que, por muita companhia numerosa, de nós não cobrassem duvidado. Mas, antes de sair, pedi à dona Brazilina uma tira de pano preto, que pus de funo no meu braço.] (ROSA, 2006, p. 604).

**Dona Dindinha** – Moradora do Curralinho, esposa do Mestre Lucas. Guardava estima por Riobaldo.

[Dona Dindinha, mulher de Mestre Lucas, no despedir, me abraçou, me deu umas lágrimas de bondade: – “Tem tanta gente ruim neste mundo, meu filho... E você assim tão moço, tão bonito...] (ROSA, 2006, p. 127).

**Dona Mogiana** – Senhora fazendeira no Esparramado, beira do rio São Marcos.

[- “Ah, senhor sim, nas beiras... Roças do rio São Marcos, senhor sim, no Esparramado... Fazenda duma Dona Mogiana...”] (ROSA, 2006, p. 498).

**Dona Próspera Blaziana** –Fazendeira graúda no Vau-Vau.

[- “Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Doristino** –Jagunço ferrador e tratador de animais.

[... Doristino, ferrador dos animais, tratador deles...] (ROSA, 2006, p. 92).

**Dos-Anjos** – Matuto do Pubo, magro e falador. Estava guardando a estrada do Sucruíú para que ninguém passasse, devido a doença que ali estava espalhada, bexiga preta, dizia. Passou estas informações ao grupo de jagunços chefiado por Zé Bebelo.

[... deu alguma intimação para o da foice, esse que o Dos-Anjos se chamava, era o falador; e que foi quem veio adiante, saudar Zé Bebelo e render explicação...] (ROSA, 2006, p. 385).

**Dos-Fins** – ver *DIABO*.

**Dosmo** – Groteiro vesgo do Cateriangongo, entre o Ribeirão Formoso e a Serra Escura. Pediu a palavra no julgamento de Zé Bebelo para dar uma sugestão aos grandes chefes. Sugeriu que eles fizessem com que Zé Bebelo dissesse onde estavam escondidas as suas riquezas, antes de julgá-lo.

[Abri a minha boca. Aí, mas, um outro campou ligeiro, tomou a mão para falar: Era um denominado Dosno, ou Dosmo, groteiro de terras do Cateriangongo – entre o Ribeirão Formoso e a Serra Escura – e ele tinha olhos muito incertos e vesgava. Que era que podia guardar para dizer um homem desses, capiaiu medido por todos os capiaius do meu Norte? Escutei.] (ROSA, 2006, p. 272).

**Dosno** – ver *DOSMO*.

**Doutor Cantuária Guimarães** – Delegado de Januária que veio às pressas com um grupo de jagunços, para salvar o Major Alcides Amaral do cerco de Antônio Dó e Andalécio.

[Aí, quem trouxe socorro, para salvar o Major, foi o delegado Doutor Cantuária Guimarães, vindo às pressas de Januária, com punhadão de outros jagunços, de fazendeiros da política do Governo.] (ROSA, 2006, p. 166- 167).

**Doutor rapaz** – Explorador de turmalina no Vale do Araçuaí. Acreditava na reencarnação, mas, era ateu.

[Refiro ao senhor: um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no vale do Araçuaí, discorreu me dizendo que a vida da gente encarna e reencama, por progresso próprio, mas que Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus?!] (ROSA, 2006, p. 60).

**Dr. Hilário** – Delegado, simpático, muito educado e de conversa simples. Personagem de um caso contato a Riobaldo pelo seo Ornelas.

[Seo Ornelas, nessa ocasião, tinha amizade com o delegado dr. Hilário, rapaz instruído social, de muita civilidade, mas variado em sabedoria de inventiva, e capaz duma conversação tão singela, que era uma simpatia com ele se tratar.] (ROSA, 2006, p. 459).

**Dr. Meigo de Lima** – Advogado de Riobaldo que cuidou para que ele recebesse a herança de Selorico Mendes.

[Porquanto, de fato, fui, e tudo recebi em limpo, sem precisão de tocar demandas, por falta de outros mais legítimos herdeiros, e o que também devido dou ao advogado meu que zelou a sucessão – Dr. Meigo de Lima.] (ROSA, 2006, p. 604).

**Dr. Mirabô de Melo** – Dono da Fazenda Sempre Verde, onde aconteceu o julgamento de Zé Bebelo. Amigo e apoiador de Joca Ramiro.

[Só depois se espalhou voz. Ao que se ia para a Fazenda Sempre-Verde, depois da Fazenda Brejinho-do-Brejo, aquela a do doutor Mirabô de Melo.] (ROSA, 2006, p. 256).

**Do-Zabudo** – Homem somítico, enjoativo e sensato. Parente dos paracatuanos Silvalves. Dono da Fazenda Carimã. Seu nome era: Timóteo Regimildiano da Silva.

[Do Zabudo, homem somítico, muito enjoativo e sensato.] (ROSA, 2006, p. 536).

**Drão** – ver *DIABO*.

**Drumão** – Jagunço, citado na obra.

[- “Aí é o nosso João Goanhá, com os cabras...” – disse Diadorim, que tinha a rede dele armada da minha a uns três passos. Assim era. João Goanhá, o Paspe, Drumão, o compadre Ciril, o Bobadela, o Isidoro... Tornar a encontrar companheiros desses, aí é que se põe significado na vida, se encompridando se encurtando.] (ROSA, 2006, p. 434).

**Durval Foguista** – Jagunço, citado na obra.

[E Diodolfo, o Duzentos, João Vereda, Felisberto, o Testa-em-Pé, Remigildo, o Jósio, Domingos Trançado, Leocádio, Pau-na-Cobra, Simião, Zé Geralista, o Trigoso, o Cajueiro, Nhô Faisca, o Araruta, Durval Foguista, Chico Vosso, Acrísio e o Tuscaninho Caramé. Amostro, para o senhor ver que eu me alembro.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Dute** – Jagunço, citado na obra.

[Até, por eu ter o assunto, já um vinha: – “Daqui a seis léguas, é a baixada do Brejinho – lá tem logradouro. Tem fêmeas...” Esse que disse era o Dute, me parece; ou foi outro.] (ROSA, 2006, p. 235).



**Dutra Cunha** – Personagem de um caso contado por Riobaldo. Dutra Cunha, homem de um olho só, resistiu a um cerco feito por Cosme de Andrade e Olivino Oliviano na fazenda do Canindé.

[A gente até carecesse, no derradeiro durar, de comer somente os couros assados – conforme o caso terrível de Dutra Cunha, de um diabo, que, em sua fazenda do Canindé, resistiu ao cerco de Cosme de Andrade e Olivino Oliviano. Esse Dutra Cunha era o homem de um olho só. Zé Bebelo bem sabia a história dele.] (ROSA, 2006, p. 352).

**Duvino** – Jagunço que de tudo achava graça e dava risadas.

[... o Duvino de tudo armava risada e graça...] (ROSA, 2006, p. 185).

**Duzentos** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beijudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e *o Tuscaninho Caramé*. Amostro, para o senhor ver que eu me alembro.] (ROSA, 2006, p. 320).

**E**le – ver *DIABO*.

**Eleutério** – Jagunço do grupo de Riobaldo que no Gerais da Pedra, foi pedir informações a um capiau que lhe matou com tiros no rosto e no peito.

[Lá, o Eleutério se apartou da gente, umas cem braças, e foi, a pé, bateu em porta duma cafua, por esclarecer. O capiau surgiu, ensinou alguma coisa, errada. Eleutério agradeceu, deu as costas, veio andando uns passos. O capiau então chamou. Eleutério virou para trás, para ouvir o que havia, e levou na cara e nos peitos o cheio duma carga de chumbo fino. Cegou, rodou, entropicado, arreganhava os braços, todo se sarapintando das manchas vermelhas, que cresciam. O cabelo dele aumentou em pé.] (ROSA, 2006, p. 68- 69).

**Eleutério Lopes** – Proprietário da Fazenda Boi-Preto.

[Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. Fazenda Boi-Preto, dum Eleutério Lopes – mais antes do Campo-Azulado, rumo a rumo com o Queimadão. Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho.] (ROSA, 2006, p. 27- 28).

**Elisiano** – Jagunço que gostava de preparar um galho de goiabeira para assar carnes. Morreu em combate.

[E o Elisiano caprichava de cortar e descascar um ramo reto de goiabeira, ele que assava a carne mais gostosa, as beiras tostadas, a gordura chiando cheio.] (ROSA, 2006, p. 185).

**Escopil** – Jagunço que formou dupla em jogo de sinuca com o João Nonato contra Riobaldo e o Advindo.

[Certa vez, entrei num salão, os companheiros careciam que eu jogasse, mor de inteirar a parceria. Bilhar – quero dizer. Eu não sabia, total. Tinha nunca botado a mão naquilo. – “Faz mal nenhum” – o Advindo disse. – “Você forma comigo, que sou tão no taco. João Nonato, com o Escopil, jogam de contra-lado...” Aceitei.] (ROSA, 2006, p. 162).

**Etelvininho** – Personagem de um caso contado pelo Alaripe à Riobaldo. Etelvininho, certa vez, teria pago a José Misuso a quantia de quarenta mil-réis, para este o ensinar como se faz para o inimigo errar o tiro.

[Um José Misuso uma vez estava ensinando a um Etelvininho, a troco de quarenta mil-réis, como é que se faz a arte de um inimigo ter de errar o tiro que é destinado na gente.] (ROSA, 2006, p. 433).

**Evaristo Caitité** – Jagunço prazenteiro, morto em combate contra os Judas, na Fazenda dos Tucanos. Levou uma carga total de balas, quando se descuidou da proteção.

[... e Evaristo Caitité, com os altos olhos afirmados, esse sempre sido prazenteiro no meio de todos.] (ROSA, 2006, p. 362- 363).

**Ezirino** – Jagunço dos Ramiros que matou Batatinha e depois fugiu.

[*Ezirino* matou um companheiro, que *Batatinha* se chamava, o pobre dum cafuz magrelo, só que tinha o danado defeito de contrariar qualquer coisa que a gente falava. Ezirino caiu no mundo. Daí, começou voz que ele tinha fugido para se bandear com os zé-bebelos, pago por sua traição, e que Batatinha somente morreu porque disso sabia. Todo o mundo andava encrespo, forjicavam muita cilada e enredos de desconfianças.] (ROSA, 2006, p. 174).

**Faca-Fria** - Um dos homens endemoninhados ou com encosto que Riobaldo conheceu.

[... o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangued'Outro, o Muitos-Beijos, o Rasgaem-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão.] (ROSA, 2006, p. 09- 10).

**Fafafa** – Jagunço franco, de fala alta e forte, mestre em domar e criar cavalos. Estimava muito os animais, chegava a cheirar o suor dos cavalos, que retribuía o carinho, cheirando o seu rosto. Ele foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Apoiou Riobaldo quando este tomou a chefia de Zé Bebelo.

[Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por que é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfredo.] (ROSA, 2006, p. 180).

**Fancho-Bode** – Um dos homens endemoninhados ou com encosto que Riobaldo conheceu. Junto ao Fulorêncio, fez uma brincadeira de mau gosto com Diadorim, que revidou o atacando e o chamando para a briga de facas. Morreu no primeiro combate contra uma patrulha de Zé Bebelo.

[... o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangued'Outro, o Muitos-Beijos, o Rasgaem-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão.] (ROSA, 2006, p. 09- 10).

**Faustino** – Personagem de um caso contato por Riobaldo. Jagunço pobretão. Pertencia ao bando de Antônio Dó. Posteriormente deixou a jagunçagem.

[... a um outro, pobre dos mais pobres, chamado Faustino...] (ROSA, 2006, p. 84).

**Federico Xexéu** – Jagunço pertencente aos Ramiros.

[Um Federico Xexéu, que vinha de recado, botava o fácil desânimo: – “Ih! Zé Bebé!?” Evém ele, com gentes de nuvens gentes...” A desléguas, se guerreava. A gente recebia a notícia.] (ROSA, 2006, p. 239).

**Feijó** – Jagunço pertencente aos Ramiros, sabia usar rifle de três canos. Deu notícia à Riobaldo que Diadorim foi ferido na perna, em combate com os Bebelos.

[Era o Feijó, um sacudido oitavão, ele manobrava rifle de três canos. Que simpatia demonstrada era essa, eu nunca tinha dado fé daquele Feijó?] (ROSA, 2006, p. 200).

**Feliciano** – Jagunço pertencente aos Ramiros. Caólho. Junto ao Quipes, trouxe o vaqueirinho que deu a notícia que Zé Bebelo descia o Rio Paracatu com mais cinco homens em uma balsa de buriti.

[...o *Feliciano*, caólho...” (ROSA, 2006, p. 319) “Ou do Feliciano – que abria muito o olho são, para melhor entender o que a gente dizia?”] (ROSA, 2006, p. 543).

**Felisberto** – Jagunço. Tinha uma bala de cobre encravada na cabeça e por isso sofria alguns surtos, ficando todo verde, cego, com nariz entupido e inchado. Tinha tosses fortes. Do meio dia para a tarde, ficava azul. Deixou o jaguncismo para morar com as meretrizes do Verde-Alecrim, Ageala e Maria-da-Luz.

[E mais conto o que com um Felisberto se dava. Assaz em aparências de saúde, mas tendo sido baleado na cabeça, fazia já alguns anos; uma bala de garrucha – a bala de cobre, se dizia – que estava encravada na vida de seus encaixes e carnes, em ponto onde ferramenta de doutor nenhum não alcançava de escrafunchar.] (ROSA, 2006, p. 405).

**Figueiró** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, BatataRoxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço- Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Figura** – ver *DIABO*.

**Firmiano** – Jagunço, descendente de índio. Sofria de catarata e de uma doença incurável que lhe inchava a perna, por isso deixou a jagunçagem e foi morar no Alto Jequitaí.

[De sorte que, então, olhe: o Firmiano, por apelidado Piolho-de-Cobra, se lazarou com a perna desconforme engrossada, dessa doença que não se cura; e não enxergava quase mais, constante o branquiço nos olhos, das cataratas.] (ROSA, 2006, p. 21- 22).

**Fonfrêdo** – Jagunço, cantava rezas de padre, vegetariano, nunca falou de onde era natural e de onde viera, rimava versos com o Sesfrêdo. Tinha um blilbloquê, que todos jogavam a dinheiro.

[...*Fonfrêdo* – que cantava todas as rezas de padre, e comia carne de qualidade nenhuma, e que nunca dizia de onde era e viera; o que rimava verso com ele: *Sesfrêdo*, desse já lhe contei...] (ROSA, 2006, p. 173).

**Francisco Vizeu Antunes** – Capitão de cavalos, tataravô de Zé Bebelo.

[Eu. José, Zé Bebelo, é meu nome: José Rebelo Adro Antunes! Tataravô meu Francisco Vizeu Antunes – foi capitão-de-cavalos...] (ROSA, 2006, p. 278).

**Freitas** – Jagunço pertencente ao grupo dos Ramiros. Ferido seriamente por Zé Bebelo no combate da Fazenda Sempre Verde.

[– “Roncolho! Toma...” Um Freitas, nosso, gritou, caiu muito ferido. A bala era de Zé Bebelo. Atiramos, grosso. Eles respondendo. Respondiam pouco.] (ROSA, 2006, p. 252).

**Freitas Macho** – Jagunço, natural de Grão Mogol. Tinha grande poder de convencimento, fazendo os outros acreditar em qualquer mentira por ele contada. Morreu no sítio Padre-Peixoto, com uma forte dor abdominal.

[*Freitas Macho*, grão-mogolense, contava ao senhor qualquer patranha que provesse, e assim descrevia, o senhor acabava acreditando que fosse verdade...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Fulorêncio** – Jagunço que junto ao Fancho-Bode, fez uma brincadeira de mau gosto com Diadorim. Diadorim revidou atacando o Fancho-Bode e o chamando para a briga de facas. Morreu no primeiro combate contra uma patrulha de Zé Bebelo.

[O outro, um tribufu, se dizia Fulorêncio, veja o senhor. Mau par. (...) lambuzante preto...] (ROSA, 2006, p. 159).

**Garanço** – Jagunço, sanfranciscano, simples de coração, vindo do Morpará, cabeça grande, agradável, tinha idéias infantis, colocava nomes em suas armas, contava e recontava longas passagens de sua vida, tomava rapé. Morreu próximo a Riobaldo, em combate contra os Bebelos.

[... – quem respondeu foi o Garanço, o de olhos de porco. Ouvindo o que, me sobrou um enjôo. O Garanço, era um mcorongo mermado, com estúrdias feições, e pessoa muito agradável de seu natural. Ele tinha idéias, às vezes parecia criança pequena.] (ROSA, 2006, p. 175).

**Gavião-Cujo** – Jagunço pertencente aos Ramiros. Homem pardo e bravo. Levou a notícia da morte de Joca Ramiro à Titão Passos e seu grupo.

[Era um brabo nosso, um cafuz pardo, de sonome o Gavião Cujo, que de mais norte chegava. Ele tinha tomado muitas chuvas, que tudo era lamas, dos copos do freio à boca da bota, e pelos vazios do cavalo.] (ROSA, 2006, p. 295).

**Geraldo Pedro** – Jagunço preguiçoso. Junto ao Ventarol, queria ficar deitado o tempo todo, dormindo. Foi morto por Riobaldo.

[... e Geraldo Pedro e o Ventarol que queriam ficar espichados, dormindo o tempo todo...] (ROSA, 2006, p. 185).

**Gervásio Lé de Ataíde** – ver *NHÔ MARÔTO*.

**Gramacedo** – Personagem ao qual Riobaldo nutria um certo ódio, sem explicar a razão, desde o tempo da infância.

[O senhor sabe: a coisa mais alonjada de minha primeira meninice, que eu acho na memória, foi o ódio, que eu tive de um homem chamado Gramacedo...] (ROSA, 2006, p. 42).

**Gregoriano** – Jagunço. Na Coruja, foi picado por uma jararaca e morreu em poucas horas.

[Mas uma jararaca picou o Gregoriano: era aquela, a rastejo no capim e nas folhas caídas, nem chegava a quatro palmos – e com poder de acabar – e o Gregoriano morreu, em pobres horas.] (ROSA, 2006, p. 404- 405).

**Gú** – Jagunço pertencente aos Ramiros. Na Fazenda Sempre Verde, defendeu que Zé Bebelo fosse bem tratado e solto. Sendo assim, se algum chefe dos Ramiros, posteriormente, fosse feito prisioneiro, receberia o mesmo tratamento, sem maldades. Este seria o estatuto da guerra.

[Um Gu, certo papa-abóbora, beiradeiro, tarraco mas da cara comprida; esse discorreu: – “Com vossas licenças, chefe, cedo minha rasa opinião. Que é – se vossas ordens forem de se soltar esse Zé Bebelo, isso produz bem...”] (ROSA, 2006, p. 272).

**Guima** – Jagunço, bom jogador de baralho. Natural de Abaeté.

[... *Guima*, que ganhava em todo jogo de baralho, era do sertão do Abaeté...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Guirigó** – Menino do Sucruíú. Negro, magro, olhos pretos externados. Filho de Zé Cânciao. Foi pego pelos jagunços depois de roubar o sítio do senhor Habão. Riobaldo o levou com o grupo de jagunços. Depois da Batalha do Paredão, o próprio Riobaldo o levou de volta às suas terras.

[Um rapazola retinto, mal aperfeiçoado; por dizer, um menino. Nu da cintura para os queixos. As calças, rotas em todas as partes, andavam cai’caindo; ele apertou perna em perna. Arfava chiado, como quem, por todo engano de pressa, tivesse chupado na boca um gole quente de café demais. Bezerro doente, de mal-de-ano, às vezes faz assim. Cuido que por não perder de todo as calças como vestimenta, ele se ajoelhou – chato no chão, mais deitado do que ajoelhado.] (ROSA, 2006, p. 395).

**Guirigó do Sucruíú** – ver *GUIRIGÓ*.

**Guy-de-Borgonha** – Personagem citado por Riobaldo em uma conversa com Diadorim.

[– “Uai, Diadorim, pois você mesmo não é que é o dono da empreita?!” – e, mais, meio debiquei, com estas: – “Que eu, vencendo vou, é menos feito Guy-de-Borgonha...” Acho que, as palavras que eu disse, agora não estou trastejando...] (ROSA, 2006, p. 533).



**H**abão – ver *ABRÃO*.

**Hermógenes** – Hermógenes Saranhó Rodrigue Felipes. Compadre de Joca Ramiro e Ricardão. Era casado e tinha filhos. Proprietário de gados e fazendas depois do Alto Carinhanha, e no Rio do Borá, e no Rio das Fêmeas, na Bahia. Homem mau, matador, sem anjo-da-guarda, sem poder político. Usava chapéu redondo de couro, calças enrugadas e dobradas, pernas abertas, pescoço curto. Voz desgovernada e desigual, sentia prazer vendo o medo e o sofrimento alheio. Mantinha pacto com o diabo. Presenteu Riobaldo com um revólver e caixas de bala. Junto a Ricardão, traiu Joca Ramiro matando-o na Jerara. Chefiou o grupo que ficou conhecido como os Judas, até a Batalha do Paredão, onde foi morto à faca por Diadorim e na mesma ocasião a matou.

[O outro – Hermógenes – homem sem anjo-da-guarda. Na hora, não notei de uma vez. Pouco, pouco, fui receando. O Hermógenes: ele estava de costas, mas umas costas desconformes, a cacunda amontoava, com o chapéu raso em cima, mas chapéu redondo de couro, que se que uma cabaça na cabeça. Aquele homem se arrepanhava de não ter pescoço. As calças dele como que se enrugavam demais da conta, enfolipavam em dobrados. As pernas, muito abertas; mas, quando ele caminhou uns passos, se arrastava – me pareceu – que nem queria levantar os pés do chão.] (ROSA, 2006, p. 116- 117).

**Hermógenes Saranhó Rodrigue Felipes** – ver *HERMÓGENES*.

**Hortência** – ver *AGEALA*.

**I**ndalécio Gomes Pereira – ver *ANDALÉCIO*.

**Isidoro** – Jagunço, citado na obra.

[Assim era. João Goanhá, o Paspé, Drumão, o compadre Ciril, o Bobadela, o Isidoro...]  
(ROSA, 2006, p. 434).

**Izina Calanga** – Rezadeira, moradora do Vau-Vau. Riobaldo queria encomendá-la rezas diárias a seu favor.

[E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo!] (ROSA, 2006, p. 16).

# J<sup>ˆ</sup>bibe – ver *JIRIBIBE*.

**Jacaré** – Jagunço cozinheiro. Quando não estava cozinhando, ajudava nos combates. Na travessia do Liso do Sussuarão, sem alimentos adequados, comeu de uma terra que dizia boa e a ofereceu ao grupo.

[Nesse tempo, o Jacaré pegou de uma terra, qualidade que dizem que é de bom aproveitar, e gostosa. Me deu, comi, sem achar sabor, só o pepego esquisito, e enganava o estômago. Melhor engolir capins e folhas. Mas uns já enchiam até capanga, com torrão daquela terra.] (ROSA, 2006, p. 55).

**Jalapa** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, o *Jalapa*, *Zé Beijudo*, *Nestor*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Jazevedão** – Delegado profissional que Riobaldo encontrou dentro do trem quando foi para consulta médica em Sete Lagoas. Homem de muita maldade, não se ria, grande, pesado, gostava de fazer covardias com os presos.

[Vai e acontece, que, perto mesmo de mim, defronte, tomou assento, voltando deste brabo Norte, um moço Jazevedão, delegado profissional. Vinha com um capanga dele, um secreta, e eu bem sabia os dois, de que tanto um era ruim, como o outro ruim era.] (ROSA, 2006, p. 17- 18).

**Jenolim** – Jagunço pertencente aos Ramiros. Guardava certa estima por Riobaldo. Estava no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço.

[A lá, que aonde estava o oculto, a gente ia em canoa, baldear a munição. Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo ó Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada. A gente, jantou-se, já se estava de saída, para toda viagem. Eu ia com eles.] (ROSA, 2006, p. 141).

**Jequitinhão** – Jagunço antigo capataz arrieiro. Gostava de conversar por ditados.

[...o *Jequitinhão*, antigo capataz arrieiro, que só se dizia por ditados...] (ROSA, 2006, p. 319- 320).

**Jesualdo** – Jagunço, moço novo, simpático. Junto com o Nestor e o Araruta, afiava os dentes com faca deixando-os pontiagudos. Foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços.

[Até um pouco mais longe, no pé-de-serra, de bando meu foram o Sefredo, Jesualdo, o Néilson e João Concliz. Uns outros. O Triol... E não vou valendo?] (ROSA, 2006, p. 24).

**Jidião Guedes** – Homem de boa família que levou Riobaldo e a sua mãe para a Sirga, nas margens do Rio de Janeiro, próximo ao Rio São Francisco.

[Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu.] (ROSA, 2006, p. 42- 43).

**Jiribibe** – Jagunço de pouca idade, menino estimado por todos. Morreu com um tiro na testa, durante a Batalha do Paredão.

[E dei fé: que o Jiribibe vinha me acompanhando. O menino bom. Os olhinhos dele a gente só via era porque eram inventados de pretos.] (ROSA, 2006, p. 584).

**Jisé Simplício** – Homem que para as pessoas, mantinha um capeta preso em casa, que o ajudava em suas ganâncias. Por esta razão, se dizia também que a besta não lhe dava montaria.

[E um Jisé Simplício – quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa; razão que o Simplício se empresa em vias de completar de rico. Apre, por isso dizem também que a besta pra ele rupeia, nega de banda, não deixando, quando ele quer amontar... Superstição. Jisé Simplício e Aristides, mesmo estão se engordando, de assim não-ouvir ou ouvir.] (ROSA, 2006, p. 08).

**João Brandão** – Personagem de uma conversa de Riobaldo com Selorico Mendes. Apenas citado como um dos homens importantes do sertão.

[– “Neco? Ah! Mandou mais que Renovato, ou o Lióbas, estrepoliu mais do que João Brandão e os Filgueiras...”] (ROSA, 2006, p. 113).

**João Bugre** – Jagunço que afirmava que o Hermógenes tinha pacto com o Diabo.

[Juro que: pontual nos instantes de o raso se pisar, um sujeito dos companheiros, um João Bugre, me disse, ou disse a outro, do meu lado: – “... O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto...”] (ROSA, 2006, p. 48).

**João Concliz** – Jagunço que tinha boa memória. Assoviava junto ao Sesfrêdo, imitando todo o tipo de pássaros. Chegou a chefiar alguns sub-grupos. Este foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços.

[*João Concliz*, que com o *Sesfredo* porfiava, assoviando imitado de toda qualidade de pássaros, este nunca se esquecia de nada...] (ROSA, 2006, p. 318- 319).

**João Curiol** – Jagunço, baiano, bom caráter, homem de palavra. Deu a Riobaldo a notícia da morte do Hermógenes. Foi o responsável por conduzir a mulher do Hermógenes depois da Batalha do Paredão, para onde ela quisesse ir. Responsável também pelo aprisionamento de Zé-Bebelo, que teve como desfecho o primeiro julgamento do sertão.

[Ainda encomendei a João Curiol, que era um baiano bom, na palavra e no caráter, que providenciasse o retorno daquela, para onde quisesse ir outra vez.] (ROSA, 2006, p. 600).

**João Frio** – Jagunço pertencente aos Ramiros. Mandado por Joca Ramiro, trouxe um rifle reiúno à Riobaldo. Foi ele que desatou as mãos de Zé Bebelo na hora do julgamento na Fazenda Sempre Verde. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[Mandou vir o dito, e um cabra chamado João Frio foi lá nos cargueiros, e trouxe. Era um rifle reiúno, peguei: mosquetão de cavalaria. Com aquilo, Joca Ramiro me obsequiava!] (ROSA, 2006, p. 249- 250).

**João Goanhá** – Jagunço de grito grosso, gordo, forte, barbudo, ar de sonso, quase tolo, analfabeto, usava variedades de anéis nos dedos. Chegou a chefiar sub-grupos. Foi o último a se pronunciar no julgamento de Zé Bebelo, defendendo-o.

[João Goanhá, por valentão e verdadeiro, nem carecia de estadear orgulho. Pessoa muito leal e briosa. Ele me disse: – “Agora, da gente não sei o que vai ser... Para guerra grande, eu acho que só Joca Ramiro é que era capaz...” Ah, mas João Goanhá também tinha suas cartas

altas. Homem de grito grosso. E, mesmo ignorante analfabeto, de repente ele tirava, sei não de onde, terríveis mindinhas idéias, mortes diversas.] (ROSA, 2006, p. 67).

**João Nonato** – Jagunço diamantinense. Dava boa-sorte e mantinha um bom ar. Junto com o Escopil, jogou sinuca contra Riobaldo e Advindo. Este foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços.

[E o do embornal com os cajus, sendo um João Nonato, diamantinense, decidido agradável me disse: – “Hoje, Chefe, depois que se ganhar, com o bom gol se festeja?” Oi, sim. E de repente eu disse dizer: – “Tu, menino, meu filho, tu vem adiante, mano-velho: emparelhado comigo... Tu me dá sorte!” Deixamos de esporas.] (ROSA, 2006, p. 550).

**João Tatu** – Jagunço, servidor da fazenda da Dona Mogiana no Esparramado. Urucuiano, seguiu com Zé Bebelo quando este retornava do Goiás para vingar a morte de Joca Ramiro. Depois que Zé Bebelo deixou a chefia do bando, voltou ao Urucuia com os seus conterrâneos Pantaleão, Salústio João, Diodato e O-Bispo.

[Conheci como eu nunca tinha dado tento d’atenção naqueles homens, cuja valia. Assim que eles eram, de batismo: e o Pantaleão, Salústio João, João Tatu e O-Bispo. Naquela hora, era que eu punha tino. Nunca mais tive notícia desses. Hoje, repenso. Naquela hora, eu cogitava jeito de conservar todos em companhia. Remei minhas perguntas. Onde que eram?] (ROSA, 2006, p. 498).

**João Vaqueiro** – Jagunço moreno, grande amigo de Riobaldo, entendia de tudo a respeito dos rebanhos. Estava no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço. Amparou Diadorim quando esta caiu pálida com a notícia da morte de Joca Ramiro. Chorou quando os Judas atiraram nos cavalos na Fazenda dos Tucanos. Morreu na Batalha do Paredão.

[... *João Vaqueiro*, amigo em tanto, o senhor já sabe...] (ROSA, 2006, p. 319).

**João Vereda** – Jagunço, citado na obra.

[E *Diodolfo*, o *Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, o *Testa-em-Pé*, *Remigildo*, o *Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, o *Trigoso*, o *Cajueiro*, *Nhô Faisca*, o *Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e o *Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Joãozinho Bem-Bem** – Homem antigo das Aroeiras, não tinha mulher, conhecido como o mais bravo entre todos, ninguém nunca sabia o que ele pensava. Único homem que Zé Bebelo aceitaria como seu chefe, e em reverência a Joãozinho Bem-Bem, a si próprio se deu este apelido.

[Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia.] (ROSA, 2006, p. 17).

**Joaquim Beiju** – Jagunço rastreador, conhecia todos os lugares. Era capaz de mapear as regiões se preciso.

[... Joaquim Beiju conhecia cada recanto dos gerais, de dia e de noite, referido deletreado, quisesse podia mapear planta.] (ROSA, 2006, p. 47).

**Joca Ramiro** – José Otávio Ramiro Bettancourt Marins. Maior de todos chefes jagunços. Pai de Diadorim. Político, cabelos anelados e pretos, tinha o rosto e a testa grande, usava bigodes, olhar bom e mandante, ombros largos, usava botas russianas e chapéu, tinha o passo ligeiro. Compadre de Sô Candelário, João Goanhá, Ricardão e do Hermógenes. Foi morto na Jerara, por traição de Hermógenes e Ricardão.

[E corri lembrança em Joca Ramiro: porte luzido, passo ligeiro, as botas russianas, a risada, os bigodes, o olhar bom e mandante, a testa muita, o topete de cabelos anelados, pretos, brilhando. Como que brilhava ele todo. Porque Joca Ramiro era mesmo assim sobre os homens, ele tinha uma luz, rei da natureza.] (ROSA, 2006, p. 38).

**Jõe** – ver *JÕE BEXIGUENTO*.

**Jõe Bexiguento** – Jagunço peludo, broeiro do Riachão do Jequitinhonha. Homem de estranhos costumes. Chamado de Alpercatas. Sabia reza, para São Sebastião e São Camilo de Lélis, que livrava de todo mal vago. Sentia-se fraco devido a erisipela e a asma.

[Só vi um, o Jõe Bexiguento, sobrechamado o Alpercatas esse era homem de estranhez em muitos seus costumes, conforme se dizia e era notado.] (ROSA, 2006, p. 218).

**Joé Cazuzo** – Jagunço muito valente, ativo. Único que Riobaldo conheceu, que se converteu no meio da jagunçagem. Em pleno combate contra os homens do Coronel Adalvino, comandados pelo Tenente Reis Leme, ele ajoelhou-se gritando que havia visto a Virgem Nossa no céu com seus filhos anjos. Transformou-se em homem pacífico, fabricante de azeites e sacristão no São Domingos Branco.

[Aí, de bote, aquele Joé Cazuzo – homem muito valente – se ajoelhou giro no chão do cerrado, levantava os braços que nem esgalho de jatobá seco, e só gritava, urro claro e urro surdo: – “*Eu vi a Virgem Nossa, no resplendor do Céu, com seus filhos de Anjos!...*” Gritava não esbarrava. – “*Eu vi a Virgem!...*” Ele almou? Nós desigualamos.] (ROSA, 2006, p. 19- 20).

**Jõe Engrácio** – Sitante do Vespê, onde Medeiro Vaz passou dois dias com o grupo de jagunços. Homem simples, trabalhador e que ria fortemente do que ele mesmo falava. Se admirou com a fartura de mantimentos que os jagunços carregavam.

[Tangemos, esbarrando dois dias no Vespê – lá se tinha boa cavalaria descansada, outros cavalos sob guarda dum sitiante amigo, Jõe Engrácio, por nome.] (ROSA, 2006, p. 43).

**Josafá Jumiro Ornelas** – ver *SEO ORNELAS*.

**Josafá Ornelas** – ver *SEO ORNELAS*.

**José Amigo** – Jagunço ruim, capaz de matar outro em surtos de raiva. De amigo nada tinha.

[Ei, tantos; para que que eu fui querer começar a descrever? *Dagobé, o Eleutério, Pescoço-Preto, José Amigo...* Amigo? Homem desses, alguém dizendo a um que ele é demônio de ruim, ele ria de não querer ser, capaz até de nessa raiva matar o outro.] (ROSA, 2006, p. 174).

**José do Ponto** – Jagunço que junto ao Jacaré cuidava da cozinha.

[Ou o José do Ponto com o Jacaré – tocando os cargueiros, com sua tralha de cozinhar...] (ROSA, 2006, p. 543).

**José dos Alves** – Homem que foi confundido com um macaco, morto e comido pelos jagunços no Liso do Sussuarão. A sua mãe, veio chorando e explicando que ele estava nu, por falta de roupas.

[Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto – juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não,



não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves!] (ROSA, 2006, p. 54).

**José Felix** – Jagunço que recuperou rapidamente dos ferimentos que sofreu na coxa e na perna, no Ribeirão-do-Galho-da-Vida. Quis revidar quando Riobaldo tomou a chefia de Zé Bebelo e matou o seu irmão, Rasga-em-Baixo. Acabou também sendo morto por Riobaldo, nesta ocasião.

[Meu revólver falou, bala justa, o Rasga-em-Baixo se fartou no chão, semeado, já sem ação e sem alma nenhuma dentro. E aí o irmão dele, José Félix: ele tremeu muito lateral; livrou o ar de sua pessoa; outro tiro eu também tinha dado...] (ROSA, 2006, p. 436).

**José Gervásio** – Jagunço, excelente caçador.

[*José Gervásio*, caçador muito bom...] (ROSA, 2006, p. 319).

**José Jitirana** – Jagunço de Capelinha-do-Chumbo. Dizia ser parecido com o tio dele, Timóteo chamado.

[... *José Jitirana*, filho dum lugar que se chamava a Capelinha-do-Chumbo: esse sempre dizia que eu era muito parecido com um tio dele, Timóteo chamado...] (ROSA, 2006, p. 319).

**José Micuim** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**José Misuso** – Personagem de um caso contado pelo Alaripe à Riobaldo. Etelvininho, certa vez, teria pago a José Misuso a quantia de quarenta mil-réis, para este o ensinar como se faz para o inimigo errar o tiro que seria destinado na gente.

[Um José Misuso uma vez estava ensinando a um Etelvininho, a troco de quarenta mil-réis, como é que se faz a arte de um inimigo ter de errar o tiro que é destinado na gente.] (ROSA, 2006, p. 433).

**José Quitério** – Jagunço que comia de tudo, inclusive, calango, gafanhoto e cobra. Estava presente no combate contra os Judas na Fazenda dos Tucanos.

[... um *José Quitério*: comia de tudo, até calango, gafanhoto, cobra...] (ROSA, 2006, p. 320).

**José Rebêlo Adro Antunes** - ver *ZÉ BEBELO*.

**José Ribamar Pachêco Antunes** – Pai de Zé Bebelo e marido de Maria Deolinda Rebelo.

[Eu, José, Zé Bebelo, é meu nome: José Rebelo Adro Antunes! Tataravô meu Francisco Vizeu Antunes – foi capitão-de-cavalos... Demarco idade de quarenta-e-um anos, sou filho legitimado de José Ribamar Pacheco Antunes e Maria Deolinda Rebelo; e nasci na bondosa vila mateira do Carmo da Confusão...] (ROSA, 2006, p. 278).

**José Vassalo** – Dono de uma venda onde o Quipes fez compras, no tempo em que estava fora do grupo.

[Tal que disse: - “Isto eu bem comprei, na venda do José Vassalo...” Desajuizado gastador, esse o Quipes.] (ROSA, 2006, p. 487).

**José Vereda** – Jagunço, geralista das campinas, usava cachimbo. Muito amigo e conterrâneo do Balsamão.

[O José Vereda cachimbava, sentado perto de seus pertences. O Balsamão estava ali junto. Esse era maneiras-grossas, homem de muito sobrecenho. Derradeiramente eles estavam muito amigos, mesmo porque os dois eram da mesma terra – geralistas das campinas.] (ROSA, 2006, p. 427).

**Jósio** – Jagunço morto no combate da Fazenda dos Tucanos, contra os Judas. Morreu entortado, com sangue no nariz e nos ouvidos.

[Diodolfo, correndo vindo, disse: – “O Jósio está morrendo, com um tiro no pescoço, lá dele...”] (ROSA, 2006, p. 336).

**Judas** – Assim ficou conhecido o grupo, chefiado por Hermógenes e Ricardão, que traiu e matou Joca Ramiro.

[Mas os assassinos de Joca Ramiro vão pagar, com seiscentos-setecentos!...” – ele definiu, apanhando um por um de nós no olhar. – “Assassinos – els são os *Judas*. Desse nome, agora, que é o deles...” – explicou João Concliz.] (ROSA, 2006, p. 90).

**Justino** – Jagunço ferrador e cuidador de animais.

[... e o *Justino*, ferrador e alveitar.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Juvenato** – Jagunço, citado na obra.

[Juvenato, Adalgizo, o Sangue-de-Outro. Ei, tantos; para que que eu fui querer começar a descrever?] (ROSA, 2006, p. 174).

**Lacrau** – Jagunço dos Gerais do Bolor, homem claro e de certa valia. Certa vez, sendo ele réu, esfaqueou um promotor dentro da sala do júri. Foi junto ao Rodrigues Peludo, na Fazenda dos Tucanos, levar o pedido de tréguas a mando dos Judas. Nesta ocasião, pediu a Zé Bebelo para permanecer no grupo, afirmando que sempre pertenceu aos Ramiros, o que foi aceito. Informou a Riobaldo o nome completo do Hermógenes, afirmou que ele tinha pacto com o Diabo e também contou das suas posses na Bahia.

[– “Xente, dond’ é que está se comparecendo esse Lacrau? Faz tempo que não se tinha ciência nenhuma dele...” O qual era dos Gerais do Bolor, terra jequitinhonha, e homem de certa valia. Caboclo claro. E que, ele sendo réu, tinha esfaqueado na sala de júri um promotor, em outras.] (ROSA, 2006, p. 358- 359).

**Leite-de-Sapo** – Jagunço pertencente aos Ramiros. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[Aí, mortos: João Frio, o Bicalho, Leôncio Fino, Luís Pajeú, o Cambó, Leite-de-Sapo, Zé Inocência... uns quinze. Até se deu um tiroteio terrível; mas o pessoal do Hermógenes e do Ricardão era demais numeroso...] (ROSA, 2006, p. 297).

**Leocádio** – Jagunço. Foi atingido no rosto no combate da Fazenda dos Tucanos contra os Judas. Ficou junto com o Nicolau no sítio de Dodó Ferreira sarando-se de ferimentos.

[Raymundo Lé lavava a cara do homem ensangüentada, do Leocádio. Esse estava atirado pelas queixadas, má bala que lhe partira o osso, o vermelho brabotava e pingava.] (ROSA, 2006, p. 329).

**Leôncio Dú** – Jagunço que certa vez ameaçava todo mundo com um grande facão. Zé Bebelo o encarou desarmado, e só de gritar com ele, ele se entregou.

[Desarmado, uma vez, caminhou para o Leôncio Dú, que tinha afastado todo o mundo e meneava um facãozão. Como gritou: – “Você quer vermelho? Te racho, fré!” Ao de que, o Leôncio Dú decidiu deixou o facão cair, e se entregou.] (ROSA, 2006, p. 76).

**Leôncio Fino** - Jagunço pertencente aos Ramiros. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[Aí, mortos: João Frio, o Bicalho, Leôncio Fino, Luís Pajeú, o Cambó, Leite-de-Sapo, Zé Inocêncio... uns quinze. Até se deu um tiroteio terrível; mas o pessoal do Hermógenes e do Ricardão era demais numeroso...] (ROSA, 2006, p. 297).

**Leopoldo** – Jagunço, tio de Diadorim. Irmão mais novo de Joca Ramiro. Diadorim sentiu muito a sua morte. Riobaldo não o conheceu.

[– “Leopoldo? Um amigo meu, Riobaldo, de correta amizade...” – e Diadorim desfez assoprado um suspiro, o que muda melhor. – “Até te falaram nele, Riobaldo? Leopoldo era o irmão mais novo de Joca Ramiro...”] (ROSA, 2006, p. 182).

**Liberato** – Jagunço, citado na obra.

[...um infeliz *Treciziano*; o irmão de um, *José Félix*; o *Liberato*; o *Osmundo*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Liduvino** – Jagunço, citado na obra.

[E o Liduvino e o Admeto cantavam coisas de sentimento, cantavam pelo nariz.] (ROSA, 2006, p. 294).

**Lindorífico** – Jagunço, natural da cidade de Minas Novas, Minas Gerais.

[Lindorífico me cedeu, por troco de espórtula, um bentinho com virtudes fortes, dito de sãossalavá e cruz-com-sangue.] (ROSA, 2006, p. 185).

**Lióbas** – Personagem de uma conversa de Riobaldo com Selorico Mendes. Apenas citado como um dos homens importantes do sertão.

[Naquela dita ocasião, todas as pessoas importantes tinham fugido da Januária, desamparadas de poder-de-lei, foram esperar melhor sorte em Pedras-de-Maria-da-Cruz. – “Neco? Ah! Mandou mais que Renovato, ou o Lióbas, estrepoliu mais do que João Brandão e os Filgueiras...”] (ROSA, 2006, p. 113).

**Lucas (mestre)** – Marido de Dona Dindinha e professor de Riobaldo em Curralinho (localidade para onde Riobaldo se mudou ainda jovem, a mando do seu padrinho Selorico Mendes, a fim de se alfabetizar).

[Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas.] (ROSA, 2006, p. 14).

**Lúcifer** – ver *DIABO*.

**Ludujo Filgueiras** – Senhor natural da cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Ofereceu apoio para vingar a morte de Joca Ramiro.

[E o velho Ludujo Filgueiras, montesclarenses, com vinte e dois atiradores.] (ROSA, 2006, p. 301).

**Luís de Abreuzinho** – Filho natural do Fazendeiro e Coronel Digno de Abreu. A mando do seu pai, comandou mais de trinta capangas no apoio à vingança da morte de Joca Ramiro.

[E o grande fazendeiro coronel Digno de Abreu, que mandou, seus, trinta e tantos capangas, também, por Luís de Abreuzinho comandados, que era dele filho-natural.] (ROSA, 2006, p. 301).

**Luís Pajeú** – Jagunço vindo das comarcas de Pernambuco. Pertencia ao sub-grupo de João Goanhá. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[E era um Luís Pajeú – com a faca-punhal do mesmo nome, e ele sendo de sertão do mesmo nome, das comarcas de Pernambuco. Sujeito despachado, moreno bem queimado, mas de anelados cabelos, e com uma coragem terrivelmente. Ah, mas o que faltava, lá nele, que ele mais não tinha, era uma orelha, – que rente cortada fora, pelo sinal. Onde era que o Luís Pajeú havia de ter deixado aquela orelha? – “Será gosto meu não, de descasear dentaduras...” – conciso declarou, falava meio cantado, mole, fino.] (ROSA, 2006, p. 165).

**Luzié** – Jagunço vindo do estado de Alagoas, pertencia ao sub-grupo de Sô Candelário. Gostava de cantar.

[Tanto que o inimigo não dava de vir, pois bem, a gente ficava em nervosias. Alguns, não. Feito aquele Luzié, que cantava sem mágoas, cigarra de entre-chuvas.] (ROSA, 2006, p. 244).

**M**ajor Alcides Amaral – Certa vez prendeu Andalécio e cortou-lhe o bigode. Tempos depois sofreu ataque de vingança em São Francisco pelo mesmo Andalécio junto a Antônio Dó comandando mais de mil homens. Foi salvo pelo delegado Doutor Cantuária Guimarães que veio às pressas de Januária com jagunços dos fazendeiros da política do Governo.

[... guerrearam contra o Major Alcides Amaral e uns soldados, cercados numas duas ou três casas e um quintal, guerrearam noites e dias. A ver, por vingar, porque antes o Major Amaral tinha prendido o Andalécio, cortado os bigodes dele.] (ROSA, 2006, p. 166).

**Major Alcides do Amaral** – ver *MAJOR ALCIDES AMARAL*.

**Major Amaral** – ver *MAJOR ALCIDES AMARAL*.

**Major Oliveira** – Soldado do Governo que perseguia e combatia os jagunços.

[Por que foi que não se fez combate, depois naqueles meses todos? A verdade digo ao senhor: os soldados do Governo perseguiam a gente. Major Oliveira, Tenente Ramiz e Capitão Melo Franco – esses não davam espaço.] (ROSA, 2006, p. 57).

**Major Urbano** –Fazendeiro graúdo na Macaça.

[Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaça, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Mal-encarado** – ver *DIABO*.

**Maligno** – ver *DIABO*.

**Malinácio** - Senhor gestor de bons pastos. Morava próximo ao Rio das Velhas e do Córrego do Batistério. Prestava apoio a Joca Ramiro guardando munições bem acobertadas. Foi numa noite, na sua casa, que Riobaldo reencontrou Reinaldo (Diadorim), já adulto, e o seguiu junto aos jagunços comandados por Titão Passos para fazer parte dos Ramiros.

[Se chamava Manoel Inácio, Malinácio dito, e geria uns bons pastos, com cavallhada pastando, e os bois. Me deu almoço, me pôs em fala.] (ROSA, 2006, p. 136).



**Manfarro** – ver *DIABO*.

**Manoel Inácio** – ver *MALINÁCIO*.

**Manoel Tavares de Sá** – ver *NECO*.

**Mão-de-lixo** – Jagunço, dono de um grande cavalo claro chamado Safirento. Gostava de brigar usando um porrete como arma.

[...o Mão-de-Lixo, porreteiro, nunca largava um bom cacete, que nas mãos dele era a pior arma...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Marcelino Pampa** – Jagunço, chefiou os Ramiros após a morte de Medeiro Vaz e passou a chefia para Zé Bebelo, quando este retornou do exílio no Goiás, tendo o apoio de todo o grupo. Foi morto no Paredão, sendo a sua morte muito lastimada por Riobaldo.

[Mas Marcelino Pampa era ouro, merecia lágrimas dalguma mulher perto, mão tremente que lhe fechasse bem os olhos. Porque não se vê outro assim, com tão legítimo valor, capaz de ser e valer, sem querer parecer.] (ROSA, 2006, p. 582).

**Maria** – ver *MARIA DO PADRE*.

**Maria da Cruz** – Senhora parente de Titão Passos.

[Mas, dali por diante, eu queria encostar direto com as ordens de Titão Passos. – “Ele é meu amigo...” – Diadorim no meu ouvido falou – “... Ele é bisneto de Pedro Cardoso, trasneto de Maria da Cruz!”] (ROSA, 2006, p. 270).

**Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins** – ver *DIADORIM*.

**Maria Deolinda Rebêlo** – Mãe de Zé Bebelo e esposa de José Ribamar Pacheco Antunes.

[... sou filho legitimado de José Ribamar Pacheco Antunes e Maria Deolinda Rebelo...] (ROSA, 2006, p. 278).

**Maria do Padre** – Personagem de um caso contado por Jõe Bexiguento à Riobaldo. Esta história se passou no sertão do Jequitinhão, no arraial de São João Leão. Maria, mulher simplória que governava a casa e cozinhava para o Padre Ponte, envolveu-se com ele, tendo três filhos. Ficou conhecida como Maria do Padre.

[Gerara três filhos, com uma mulher, simplória e sacudida, que governava a casa e cozinhava para ele, e também acudia pelo nome de Maria, dita por aceita alcunha a *Maria do Padre*.] (ROSA, 2006, p. 222- 223).

**Maria Leôncia** – Famosa rezadeira, a qual Riobaldo encomendava rezas diárias.

[Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale.] (ROSA, 2006, p. 16).

**Maria Mutema** – Personagem de um caso contado por Jõe Bexiguento a Riobaldo. Esta história se passou no sertão do Jequitinhão, no arraial de São João Leão. Maria Mutema, sem motivo algum, assassinou o seu marido, derramando chumbo derretido em seu ouvido enquanto este dormia. Depois mentiu para o Padre Ponte que estava apaixonada por ele e por isso matou o esposo. Reforçou tanto esta mentira nas seguidas confissões que o Padre acabou por adoecer e morrer de desgosto. Confessou os crimes em público durante uma missa, recebeu o perdão da comunidade, foi presa na cadeia de Araçuaí.

[Naquele lugar existia uma mulher, por nome Maria Mutema, pessoa igual às outras, sem nenhuma diversidade.] (ROSA, 2006, p. 222).

**Maria-da-Luz** – Meretriz moradora de um pequeno povoado chamado Verde-Alecrim. Tinha uma casa grande, caiada, de telhas e com alpendre. Morava com a sua companheira Ageala. Possuía terras boas e roças de milho e feijão.

[Uma – Maria-da-Luz – era morena: só uma oitava de canela. Os cabelos enormes, pretos, como por si a grossura dum bicho – quase tapavam o rosto dela mesma, aquela nhazinha-moura. Mas a boquinha era gomo, ponguda, e tão carnuda vermelha se demonstrava. Ela sorria para cima e tinha o queixo fino e afinado. E os olhos água-mel, com verdolências, que me esqueciam em Goiás... Ela tinha muito traquejo. Logo me envotou. Não era siguilgaita simples.] (ROSA, 2006, p. 526).

**Marimbondo** – Jagunço que se tornava perigoso quando bebia.

[... o *Marimbondo*, faquista, perigoso nos repentes quando bebia um tanto de mais...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Marruaz** – Jagunço, citado na obra.

[... o *Marruaz*, homem desmarcado de forçoso: capaz de segurar as duas pernas dum poldro...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Matias** – Morador do Mindubim, crente metodista, onde Riobaldo frequentava sempre que podia.

[Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles.] (ROSA, 2006, p. 16).

**Medeiro Vaz** – Chefe jagunço que ficou à frente do grupo na vingança da morte de Joca Ramiro até falecer doente no Marcavão. Gostava de deitar com camisolão e barrete; rezava o terço diariamente antes de dormir. Homem nobre que detinha o respeito de todos, inclusive dos doutores, dos padres e dos ricos. Seguindo a ideia de Diadorim tentou, sem sucesso, atravessar o Liso do Sussuarão para atacar os Hermógenes. Não maltratava ninguém, não tomava nada à força e não permitia aos seus homens fazê-lo. Nos seus momentos derradeiros, fez entender que passaria a chefia do bando para Riobaldo, o qual recusou a ideia.

[Chefe nosso, Medeiro Vaz, nunca perdia guerreiro. Medeiro Vaz era homem sobre o sisudo, nos usos formado, não gastava as palavras. Nunca relatava antes o projeto que tivesse, que marchas se ia amanhecer para dar. Também, tudo nele decidia a confiança de obediência. Ossoso, com a nuca enorme, cabeça meia baixa, ele era dono do dia e da noite – que quase não dormia mais: sempre se levantava no meio das estrelas, percorria o arredor, vagaroso, em passos, calçado com suas boas botas de caititu, tão antigas. Se ele em honrado juízo achasse que estava certo, Medeiro Vaz era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas. Desde o começo, eu apreciei aquela fortaleza de outro homem. O segredo dele era de pedra.] (ROSA, 2006, p. 30- 31).

**Menino** – ver *DIADORIM*.

**Menino Mocinho** – ver *DIADORIM*.

**Menino-Moço** – ver *DIADORIM*.

**Mijafôgo** –Jagunço que fazia parte do grupo chefiado por Zé Bebelo, que buscava a vingança da morte de Joca Ramiro.

[Por essa volta, o Jacaré mesmo combatia também, às vezes em que não estava cozinhando, e vinha atirar, da beira duma janela, com o Mijafôgo.] (ROSA, 2006, p. 347).

**Miosótis** – Morava perto da casa de Mestre Lucas no Currealinho. Filha do senhor Dodó Meireles. Foi namorada de Riobaldo na juventude.

[Assim, à parva, às tantices, essa mocinha Miosótis também tinha sido minha namorada...] (ROSA, 2006, p. 123).

**Miquim** – Jagunço sério, sincero e guerreiro.

[O Miquim, um rapaz sério sincero, que muito valia em guerreio, esbarrou e se riu: – “Será que não é sorte?”] (ROSA, 2006, p. 53).

**Moçambicão** – Jagunço negro e enorme, filho de escravos. Fazia parte do grupo chefiado por Zé Bebelo, que buscava a vingança da morte de Joca Ramiro.

[... o *Moçambicão* – um negro enorme, pai e mãe dele tinham sido escravos nas lavras...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Montesclareense** – Jagunço natural de Montes Claros o qual Riobaldo não lembrava o nome. Morreu quando combatia o grupo de Zé Bebelo.

[– “Presta uma demão, aqui...” Ajudei. Era um montesclareense – acho que o cujo nome esqueci – que queria passar tiras de pano, por sola das alpercatas e peito dos pés, reforçando. Terminou, e fez os passos de dança, maneiro nas juntas, assobiava.] (ROSA, 2006, p. 200).

**Morcegão** – ver *DIABO*.

**Mozar Vieira** - Fazendeiro gaúdo no São João do Canastrão.

[Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro gaúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona

Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão...] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Muitos-Beijos** – Um dos homens endemoninhados ou com encosto que Riobaldo conheceu.

[Arres, me deixe lá, que – em endemoninhamento ou com encosto – o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangued’Outro, o Muitos-Beijos, o Rasgaem-Baixo, Faca-Fria, o Fanchu-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?] (ROSA, 2006, p. 09- 10).

**Mulato** – Rapaz mulato com feições brutas que apareceu na margem do São Francisco surpreendendo Riobaldo e o Menino (Diadorim) que ali conversavam. Recebeu sem perceber com antecedência, uma facada na coxa dada pelo Menino.

[Por certo algum trilho passava perto por ali, o homem escutara nossa conversa. À fé, era um rapaz, mulato, regular uns dezoito ou vinte anos; mas altado, forte, com as feições muito brutas.] (ROSA, 2006, p. 108).

**Mulher** – ver *MULHER DO HERMÓGENES*.

**Mulher do Hermógenes** – Esposa do Hermógenes. Seu nome não é revelado na obra. Riobaldo a usou como prisioneira para chamar a atenção do Hermógenes, até a batalha do Paredão. Ela cuidou do corpo de Diadorim, depois que esta foi morta pelo Hermógenes e ao mesmo tempo o matou.

[E a mulher do Hermógenes, montada também, magra malvaz, como podia estar indo em cima duma nuvem. Ela desenrolava a cara, daquele xale verde, sem vexame nenhum, e o que espiava da gente era por riba do queixo. Quem sabe do orgulho, quem sabe da loucura alheia?] (ROSA, 2006, p. 559).

**N**eco – Natural do arraial do Jacaré, seu nome completo era Manoel Tavares de Sá. Nos anos de 79 forçou Januária e Carinhonha, tomando os portos de Jatobá, Malhada e Manga.

[E meu padrinho me mostrou um papel, com escrita de Neco – era recibo de seis ancorotes com pólvora e uma remessa de iodureto – a assinatura rezava assim: Manoel Tavares de Sá.] (ROSA, 2006, p. 113).

**Nelson** – Jagunço que, como os outros, não era alfabetizado e por isso pedia a Riobaldo para escrever cartas para a sua mãe. Foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Apoiou Riobaldo quando este tomou a chefia de Zé Bebelo.

[... o *Nélson*, que me pedia para escrever carta, para ele mandar para a mãe, em não sei onde moradora...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Nestor** – Jagunço que, junto com o Jesualdo e o Araruta, afiava os dentes com faca deixando-os pontiagudos.

[Os que lavravam desse jeito: o Jesualdo – mocinho novo, com sua simpatia –, o Araruta e o Nestor; os que ensinavam a eles eram o Simião e o Acauã. Assim um uso correntio, apontar os dentes de diante, a poder de gume de ferramenta, por amor de remedar o aguçoso de dentes de peixe feroz do rio de São Francisco – piranha redoleira, a cabeça-de-burro.] (ROSA, 2006, p. 164).

**Nestor** – Morador da Vereda-Meã, guardava munições para os jagunços.

[Nele e no Nestor, carecia de se chegar, em antes do Hermógenes – que lá se tinha coito de munição. Contornamos. Muito brejo e sapal já estavam de volta.] (ROSA, 2006, p. 542-543).

**Nhã** – ver *MULHER DO HERMÓGENES*.

**Nhã senhora** – ver *MULHER DO HERMÓGENES*.

**Nhão Virassaia** – Ofereceu ajuda na vingança da morte de Joca Ramiro com seus trinta e cinco homens, famosos por todo o Rio Verde-Grande.

[Veio até quem não se imaginou: como aquele Nhão Virassaia, com seus trinta e cinco cacundeiros – o que carregava nome de fama por todo o Rio Verde-Grande.] (ROSA, 2006, p. 301).

**Nhô Constâncio Alves** – Senhor morador da Serra de Alegres, conterrâneo de Riobaldo, dizia que poderia tê-lo conhecido quando criança. Riobaldo quis matá-lo por achar que era pactário, mas acabou tomando o seu dinheiro e deixando-o viver.

[De que tivesse neste mundo um tal nhô Constâncio Alves, o que era que eu ponderava com isso? Mas ele mesmo ali loguinho falou: que era nado no pé da serra de Alegres, e sendo da minha primeira terra, também.] (ROSA, 2006, p. 470).

**Nhô Faísca** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beijudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e *o Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Nhô Lajes** – Compadre de Ricardão.

[Relembro também que a responsabilidade nossa está valendo: respeitante ao seo Sul de Oliveira, doutor Mirabô de Melo, o velho Nico Estácio, compadre Nhô Lajes e coronel Caetano Cordeiro... Esses estão agüentando acossamento do Governo, tiveram de sair de suas terras e fazendas, no que produziram uma grande quebra, vai tudo na mesma desordem...] (ROSA, 2006, p. 268).

**Nhô Marôto** – Senhor o qual Riobaldo morou em sua casa quando foi para o Curralinho para se alfabetizar com o Mestre Lucas, a mando do seu padrinho Selorico Mendes.

[Mas eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Curralinho, para ter escola e morar em casa de um amigo dele, Nhô Maroto, cujo Gervásio Lê de Ataíde era o verdadeiro nome social. Bom homem.] (ROSA, 2006, p. 113).

**Nhô Vô Anselmo** – Senhor que recebeu Riobaldo, Diadorim, Alaripe, João Vaqueiro, Jesualdo, e o Fafafa na Fazenda Santa Catarina nos Buritis-Altos. Era Avô de Otacília.

[Quem acudiu e falou foi um velhinho, já santificado de velho, só se apareceu no parapeito da varanda – parece que estava receoso de nossa forma; não solicitou de se subir, nem mandou dar nada de comer. mas disse licença d’a gente dormir na rebaixa do engenho. Avô de Otacília esse velhinho era, se chamava Nhô Vô Anselmo.] (ROSA, 2006, p. 157).

**Nhorinhá** – Meretriz filha de Ana Duzuza, morava na Aroerinha. Deu a Riobaldo uma presa de jacaré para traspasar no chapéu contra mordida de cobra.

[Digo: outro mês, outro longe – na Aroeirinha fizemos paragem. Ao que, num portal, vi uma mulher moça, vestida de vermelho, se ria. – “Ô moço da barba feita...” – ela falou. Na frente da boca, ela quando ria tinha os todos dentes, mostrava em fio. Tão bonita, só.] (ROSA, 2006, p. 33).

**Nico Estácio** - Citado por Ricardão, quando este fazia uso da palavra no julgamento de Zé Bebelo.

[Relembro também que a responsabilidade nossa está valendo: respeitante ao seo Sul de Oliveira, doutor Mirabô de Melo, o velho Nico Estácio, compadre Nhô Lajes e coronel Caetano Cordeiro... Esses estão agüentando acossamento do Governo, tiveram de sair de suas terras e fazendas, no que produziram uma grande quebra, vai tudo na mesma desordem...] (ROSA, 2006, p. 268).

**Nicolau** – Jagunço. Ficou junto com o Leocádio no sítio de Dodó Ferreira sarando-se de ferimentos.

[No sítio desse Dodó Ferreira, o Nicolau e o Leocádio iam ficar acoitados lá, até que pudessem sarar de todo somenos.] (ROSA, 2006, p. 371).

**Nicolau Serapião da Rocha** – Seu nome aparece em uma antiga fatura de negócios achada por Zé Bebelo na Fazenda dos Tucanos.

[Que era que estava escrito nos papéis tão velhos? Um favor de carta, de tempos idos, num vigente fevereiro, 11, quando ainda se tinha Imperador, no nome dele com respeito se falava. E noticiando chegada em poder, de remessa de ferramenta, remédios, algodão trançado tinto. A fatura de negócios com escravos, compra, os recibos, por Nicolau Serapião da Rocha.] (ROSA, 2006, p. 331).



**O-Bispo** – Jagunço, servidor da fazenda da Dona Mogiana no Esparramado. Urucuiano, seguiu com Zé Bebelo quando este retornava do Goiás para vingar a morte de Joca Ramiro.

[Assim que eles eram, de batismo: e o Pantaleão, Salústio João, João Tatu e O-Bispo.] (ROSA, 2006, p. 498).

**Olivino Oliviano** – Fez cerco junto a Cosme de Andrade na fazenda do Canindé, propriedade de Dutra Cunha.

[Mas só do modo, desses, por feio instrumento, foi que a jagunçada se findou. Senhor pensa que Antônio Dó ou Olivino Oliviano iam ficar bonzinhos por pura soletração de si, ou por rogo dos infelizes, ou por sempre ouvir sermão de padre? Te acho! Nos visos...] (ROSA, 2006, p. 19).

**O-que-não-existe** – ver *DIABO*.

**Os Filgueiras** - Atiradores do velho Ludujo Filgueiras.

[– “Neco? Ah! Mandou mais que Renovato, ou o Lióbas, estrepoliu mais do que João Brandão e os Filgueiras...” (ROSA, 2006, p. 113).

**Osirino** – Matuto do Pubo.

[Deixasse, iam de dedo em dedo me passando para o daquelas pernas de fora, que Osirino era, as pernas forradas de lama seca...] (ROSA, 2006, p. 445).

**Osmundo** – Jagunço, citado na obra.

[... o irmão de um, *José Félix; o Liberato; o Osmundo.*] (ROSA, 2006, p. 320).

**Otacília** – Filha do Sôr Amadeu e neta do Nhô Vô Anselmo. Não tinha irmãos e nem irmãs. Moça bonita, direta, opiniosa, sensata e de muita ação. Morava na Fazenda Santa Catarina nas Serras dos Gerais – Buritis Altos. Noiva e depois esposa de Riobaldo.

[Conforme contei ao senhor, quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritis Altos, nascente de vereda, Fazenda Santa Catarina. Que quando só vislumbrei graça de carinha de riso e boca, e os compridos cabelos, num enquadro de janela, por o mal acêso de uma lamparina.] (ROSA, 2006, p. 188).

**P**acamá-de-Presas – Jagunço, contra-guia de Riobaldo. Sabia reza que livrava de todo mal vago para São Sebastião e São Camilo de Lélis. Prestou socorro a Riobaldo quando este passou mal vendo o combate de Diadorim e Hermógenes na Batalha do Paredão. Ele foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Apoiou Riobaldo quando este tomou a chefia de Zé Bebelo.

[... Pacamá-de-Presas, que queria qualquer dia ir cumprir promessa, de acender velas e ajoelhar adiante, no São Bom Jesus da Lapa...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Padre Ponte** - Personagem de um caso contado por Jõe Bexiguento à Riobaldo. Esta história se passou no sertão do Jequitinhão, no arraial de São João Leão. Padre Ponte, um bom homem de meia idade, tivera três filhos com a mulher que governava a sua casa (Maria do Padre). Morreu de desgosto pelas mentiras que Maria Mutema lhe contava em confissão.

[E em tudo mais o Padre Ponte era um vigário de mão-cheia, cumpridor e caridoso, pregando cora muita virtude seu sermão e atendendo em qualquer hora do dia ou da noite, para levar aos roceiros o conforto da santa hóstia do Senhor ou dos santos óleos.] (ROSA, 2006, p. 223).

**Padrim Selorico** – ver *SELORICO MENDES*.

**Pai da Mentira** – ver *DIABO*.

**Pai do Mal** – ver *DIABO*.

**Pantaleão** - Jagunço, servidor da fazenda da Dona Mogiana no Esparramado. Urucuiano, seguiu com Zé Bebelo quando este retornava do Goiás para vingar a morte de Joca Ramiro.

[Assim que eles eram, de batismo: e o Pantaleão, Salústio João, João Tatu e O-Bispo.] (ROSA, 2006, p. 498).

**Paspe** – Jagunço, vaqueiro, cozinheiro, consertava alpercatas. Ele foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços.

[... o Paspe, vaqueiro jaibano, o homem mais habilidoso e serviçal que já topei nesta minha vida...] (ROSA, 2006, p. 173).

**Pau-na-Cobra** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e *o Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Pé-de-pato** – ver *DIABO*.

**Pedro Afonso** – Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e *o Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Pedro Bernardo** – Jagunço, citado na obra.

[Morreram o Figueiró, Batata Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço-Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Pedro Cardoso** - Bisavô de Titão Passos.

[Mas, dali por diante, eu queria encostar direto com as ordens de Titão Passos. – “Ele é meu amigo...” – Diadorim no meu ouvido falou – “... Ele é bisneto de Pedro Cardoso, trasneto de Maria da Cruz!”] (ROSA, 2006, p. 270).

**Pedro Comprido** - Matuto do Pubo.

[... – e era um homem alto, espingolado, com todos os remendos em todos os molambos. - “Como é a tua graça, seô?” – indaguei. Se chamava Pedro Comprido.] (ROSA, 2006, p. 445-446).

**Pedro Pindó** – Vizinho de Riobaldo. Junto da sua esposa batia no seu filho Valtêi de modo muito bruto e até chamavam as pessoas para ver. Amarravam o menino em árvores do terreiro e limpavam o sangue da pele com cuia de salmora.

[Mire veja: se me digo, tem um sujeito Pedro Pindó, vizinho daqui mais seis léguas, homem de bem por tudo em tudo, ele e a mulher dele, sempre sidos bons, de bem.] (ROSA, 2006, p. 13).

**Pedro Pintado** - Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e o *Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Pedro Segundo de Rezende** – Morador da Fazenda São Joãozinho do Coronel Juca Sá. Em conversa com Riobaldo e Titão Passos, se referiu a Joca Ramiro como “um messias”.

[E nós ficamos esperando a volta deles, cinco dias lá, com grande regozijo e repouso, na casa do preto Pedro Segundo de Rezende, que era posteiro em terras da Fazenda São Joãozinho, de um coronel Juca Sá.] (ROSA, 2006, p. 148).

**Pereirão** - Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*. E *Diodolfo*, *o Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, *o Testa-em-Pé*, *Remigildo*, *o Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, *o Trigoso*, *o Cajueiro*, *Nhô Faísca*, *o Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e o *Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Pescoço-Preto** - Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, Batata Roxa, Dávila Manhoso, o Campelo, o Clange, Deovídio, Pescoço-Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p. 68).

**Piolho de Cobra** – ver *FIRMIANO*.

**Pitolô** – Jagunço, nascido na região do Rio Carinhanha. Destemido, com crimes praticados próximos a Januária, gostava de contar casos de amor. Dormia com a cabeça virada para trás e com os dois dedos no queixo. Morreu baleado por arma disparada acidentalmente.

[Um Pitolô, sei lá, cabra destemido, com crimes nos maníobais perto para cima de Januária; mas era nascido no barranco. No Carinhanha, rio quase preto, muito imponente, comprido e povooso. Ademais que ele contava casos de muito amor; Diadorim às vezes gostava.] (ROSA, 2006, p. 314).

**Prestes** – Personagem citado na obra.

[Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia.] (ROSA, 2006, p. 98).

**Preto Mangaba** – Jagunço, nascido em Cachoeira-do-Choro, entendido de feitiço. Na Fazenda dos Tucanos, ofereceu a Riobaldo um pão de doce-de-buriti que repartia.

[... o *Preto Mangaba*, da Cachoeira-do-Choro, dizia-se que entendia de toda Mandraca...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Professor** – ver *RIOBALDO*.

**Q**ue diga – ver *DIABO*.

**Quelemém** – Homem raro, espiritualizado, kardecista. Tirava as dúvidas de Riobaldo sobre os dois planos da vida. Confirmou à Riobaldo que o Diabo personificado não existe e lhe dava conselhos que o tranquilizava para o presente e para o futuro. Morador da Jijujã – Vereda do Buriti Pardo, cultivador de várias espécies de algodão e também de cana.

[... Compadre meu Quelemém de Góis, na Jijujã – Vereda do Buriti Pardo. Mais digo? O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lãla. Tudo o branquinho. Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letas, biból, e mussulim. O senhor vai ver pessoa de tal rareza, como perto dele todo-o-mundo pára sossegado, e sorridente, bondoso...] (ROSA, 2006, p. 607).

**Quelemém de Góis** – ver *QUELEMÉM*.

**Quem que não existe** – ver *DIABO*.

**Que-Não-Há** – ver *DIABO*.

**Quêque** – Jagunço que guardava saudades da sua antiga roça.

[... o *Quêque*, que sempre tinha saudade de sua rocinha antiga, desejo dele era tornar a ter um pedacinho de terra plantadeira...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Quiabo** – Jagunço, citado na obra. Morreu em combate na Fazenda dos Tucanos.

[Morreu mais o Quiabo. Outros atestavam uns ferimentos.] (ROSA, 2006, p. 347).

**Quim Pidão** - Jagunço, citado na obra. Morreu em combate na Fazenda dos Tucanos.

[... o Quim Pidão, no pormiúdo de honesto, que nunca nem tinha enxergado trem-de-ferro, volta-e-outra a perguntar como seria...] (ROSA, 2006, p. 362).

**Quim Queiroz** - Jagunço responsável pelas munições.

[... e *Quim Queiroz*, que da munição dava Conta...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Quipes** - Jagunço ligeiro, gastador. Este foi um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Esteve com Riobaldo na busca por Otacília e na busca das origens de Diadorim.

[... o Quipes, sujeito ligeiro, capaz de abrir num dia suas quinze léguas, cavalos que haja...] (ROSA, 2006, p. 319).

**Ragásio** – Jagunço, citado na obra.  
 [-“Tu sendo peão amansador domador?!” – que o Ragásio caçou comigo.]  
 (ROSA, 2006, p. 430).

**Rapaz seminarista** – Seminarista que certa vez conversou com Riobaldo e lhe disse que ia junto ao padre extrair o Demônio do corpo de uma senhora na Cachoeira-dos-Bois.

[Em ocasião, conversei com um rapaz seminarista, muito condizente, conferindo no livro de rezas e revestido de paramenta, com uma vara de maria-preta na mão...] (ROSA, 1996, p. 09).

**Rasga-em-Baixo** – Jagunço que reagiu contra Riobaldo quando este tomava a chefia de Zé Bebelo. Nesta mesma ocasião Riobaldo o matou com um tiro certo. E também matou o seu irmão, José Félix, que quis revidar.

[... *Rasga-em-Baixo*, caolho também, com movimentos desencontrados, dizia que nunca tinha conhecido mãe nem pai...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Raymundo Lé** – Jagunço entendido de curas e de remédios naturais. Tratou de Riobaldo quando este foi ferido com uma bala de raspão e também quando teve dor no fígado. Tratou também do Leocádio quando este foi ferido na Fazenda dos Tucanos.

[... mas Raymundo Lé, que entendia de curas e mezinhas, teve cargo de guardar sempre um surrão com remédios.] (ROSA, 2006, p. 92).

**Rei-Diabo** – ver *DIABO*.

**Reinaldo** – ver *DIADORIM*.

**Remigildo** – Jagunço, citado na obra.

[E Diodolfo, o Duzentos, João Vereda, Felisberto, o Testa-em-Pé, Remigildo, o Jósio, Domingos Trançado, Leocádio, Pau-na-Cobra, Simião, Zé Geralista, o Trigoso, o Cajueiro, Nhô Faísca, o Araruta, Durval Foguista, Chico Vosso, Acrísio e o Tuscaninho Caramé.] (ROSA, 2006, p. 320).



**Renovato** – Personagem, citado na obra.

[– “Neco? Ah! Mandou mais que Renovato, ou o Lióbas, estrepoliu mais do que João Brandão e os Filgueiras...”] (ROSA, 2006, p. 113).

**Ricardão** – Jagunço nascido no Verde Pequeno, rico, dono de fazendas, amigo de políticos importantes, compadre de Joca Ramiro, Hermógenes e do Nhô Lages. Junto ao Hermógenes traiu Joca Ramiro matando-o na Jerara. Foi morto por Riobaldo no Tamanduá-tão.

[Um, se chamava Ricardão: corpulento e quieto, com um modo simpático de sorriso; compunha o ar de um fazendeiro abastado.] (ROSA, 2006, p. 116).

**Rincha-Mãe** - Um dos homens endemoninhados ou com encosto que Riobaldo conheceu.

[Arres, me deixe lá, que – em endemoninhamento ou com encosto – o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangued’Outro, o Muitos-Beijos, o Rasgaem-Baixo, Faca-Fria, o Fanchu-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?] (ROSA, 2006, p. 09- 10).

**Riobaldo (protagonista)** – Personagem principal. Narra toda a obra a um interlocutor invisível, na condição de ex-jagunço e agora abastado fazendeiro. Filho da Bigri, nascido no sítio Caramujo. Foi morar às margens do Rio-de-Janeiro na adolescência, onde conheceu Diadorim ainda menino e onde a sua mãe veio a falecer. Órfão, foi morar com o seu padrinho (e possivelmente pai) Selerico Mendes, na Fazenda São Gregório. Estudou com Mestre Lucas em Curralinho. Deu aulas para Zé Bebelo na Fazenda Nhanva, com o qual seguiu, na perseguição dos jagunços, na condição de secretário. Deixou os Bebelos, fugindo até a casa do senhor Malinácio, onde reencontrou com Diadorim, que o reconheceu, e seguiu com o seu primeiro grupo de jagunços. Participou da prisão e do julgamento de Zé Bebelo na Fazenda Sempre Verde, defendendo-o. Após a morte de Joca Ramiro, o grupo foi chefiado por Medeiro Vaz, Marcelino Pampa e Zé Bebelo, de quem Riobaldo tomou o poder de chefia, após realizar o suposto pacto com o Diabo. Ajudou no parto de uma pobre mulher no Urucuia, dando o nome de Riobaldo ao menino. Na batalha contra os Judas no Tamanduá-Tão, matou Ricardão. No

Paredão chefiou a última batalha, onde se deu a morte de Diadorim e do Hermógenes. Aí descobriu-se que Diadorim era mulher. Finda a jagunçagem, herdou todas as riquezas e posses de Selorico Mendes. Conheceu, pela indicação de Zé Bebelo, o Quelemém, de quem se tornou comrade e admirador. Casou-se com Otacília e cedeu terras próximas à sua fazenda para os amigos ex-jagunços, estabelecerem moradia. Recebeu vários apelidos como Cerzidor, Tartarana e Urutu-Branco. Aceitava diversas religiões e a existência ou não do Diabo, lhe atormentou em toda a sua vida. Ficou marcado com a frase: “viver é muito perigoso”. Por fim, contou toda a sua história a um doutor da cidade, que queria conhecer o sertão e passou três dias em sua fazenda, anotando a sua saga.

[O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!] (ROSA, 2006, p. 15).

**Riobaldo** – Menino o qual Riobaldo ajudou em seu parto no Urucuia, lhe dando o seu próprio nome.

[Eu tirei da algibeira uma cédula de dinheiro, e falei: - “Toma, filha de Cristo, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve de se chamar Riobaldo...” Digo ao senhor: e foi menino nascendo. Com as lágrimas nos olhos, aquela mulher rebeijou minha mão... Alto eu disse, no me despedir: - “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...” – e saí para as luas.] (ROSA, 2006, p. 467- 468).

**Rodrigues Peludo** – Jagunço que, a mando do Hermógenes e do Ricardão, foi até a Fazenda dos Tucanos para propor a Zé Bebelo um trato de paz por algum tempo.

[Depois, um sujeito apareceu, do capim, e veio, devia de ter passado por um rombo feito na cerca. A certa distância estava, no eirado, e um dos nossos disse, reconhecendo: – “Ah, é o Rodrigues Peludo, homem devoto do Ricardão...”] (ROSA, 2006, p. 358).

**Roque** – Jagunço que estava com Riobaldo no combate em que Zé Bebelo saiu preso e foi levado a Joca Ramiro.

[“Aoê, sabe quem está lá, comandando?” – o rastejador Roque me disse. – “Sabe quem?” Ah, eu sabia. Eu tinha sabido, o em desde o primeiro momento. Era quem eu não queria para ser. Era Zé Bebelo!] (ROSA, 2006, p. 251).

**Rosa’uarda** – Moça de família, olhos pretos bonitos, moradora do Curralinho, turca, filha do comerciante Assis Wababa e de Dona Abadia. Namorou Riobaldo e o chamava de “meus olhos”. Noivou-se com Salino Cúri, negociante turco.

[Aí, namorei falso, asnaz, ah essas meninas por nomes de flores. A não ser a Rosa’uarda – moça feita, mais velha do que eu, filha de negociante forte, seo Assis Wababa...] (ROSA, 2006, p. 114).

**Rozendo Pio** – Jagunço, rastreador chamado por Selorico Mendes para guiar o bando de Joca Ramiro pela Serra das Trinta Voltas.

[Padrinho Selorico Mendes mandou que eu fosse no O-Cocho, buscar um homem chamado Rozendo Pio, esse homem – meu padrinho me disse – rastreava.] (ROSA, 2006, p. 120).

**Rudugério de Freitas** – Homem ruivo da Água-Alimpada que mandou um de seus filhos matar o próprio irmão que roubará sacrário de ouro da igreja da Abadia. Os dois irmãos acabaram se unindo e mataram o próprio pai com foçadas.

[Semelhante não foi, quando um homem, Rudugério de Freitas, dos Freitas ruivos da Água-Alimpada, mandou obrigado um filho dele ir matar outro, buscar para matarem, esse outro, que roubou sacrário de ouro da igreja da Abadia.] (ROSA, 2006, p. 75).

**S**alino Cúri – Negociante turco do Curralinho. Ficou noivo de Rosa`uarda.

[Só a praga duma surpresa me declararam: a de que a Rosa`uarda agora estava sendo noiva, para se casar com um Salino Cúri, outro turco negociante, nos derradeiros meses para lá vindo.] (ROSA, 2006, p. 124).

**Salústio** – Jagunço, servidor da fazenda da Dona Mogiana no Esparramado. Urucuiano, seguiu com Zé Bebelo quando este retornava do Goiás para vingar a morte de Joca Ramiro.

[O urucuiano, deles, que o Salústio se chamava. O que tinha os olhos miudinhos em cara redonda, boca mole e sete fios de barba compridos no queixo.] (ROSA, 2006, p. 345).

**Salústio João** – ver *SALÚSTIO*.

**Sangue-de-Outro** – Jagunço que estava junto ao grupo que prendeu Zé-Bebelo no É-Já.

[De lá não atiravam mais. Só balaou outra, só. – “Arre, à unha, chefe?” – o Sangue-de-Outro perguntou. João Curiol respondeu que não.] (ROSA, 2006, p. 252).

**Santos-Reis** – Jagunço que viajava trazendo recado e combinação de Só Candelário e de Titão Passos para Medeiro Vaz. Foi encontrado minuto antes da sua morte por tropeiros, no Cururu, que acenderam vela e o enterraram.

[– “Ele era alto, feições compridas, dentuço?” – Medeiro Vaz exigiu certeza. – “Olhe, pois era” – o arrieiro respondeu – “e, antes de morrer, deu o nome: que era Santos-Reis...] (ROSA, 2006, p. 63).

**Sargento Leandro** – Perseguidor dos jagunços. Deu combate ao sub-grupo chefiado por João Goanhá, no Jatobá Torto.

[Mas não pudemos. Mal a gente se tocou, para a Cachoeira do Salto, e esbarramos com tropa de soldados – tenente Plínio. Foi fogo. Fugimos. Fogo no Jacaré Grande – tenente Rosalvo. Fogo no Jatobá Torto – sargento Leandro. Volteamos. Sobre aí, me senti pior de sorte que uma pulga entre dois dedos.] (ROSA, 2006, p. 66).

**Satanaz** – ver *DIABO*.

**Sebastião Vieira** – Morava no Buriti-do-Zé em casa com curral. Guardava boa quantidade de munição para os jagunços do grupo de Riobaldo.

[Dando meias andadas, nós chegamos num ponto-verdadeiro, num Buriti-do-Zé. Dono de lá, Sebastião Vieira, tinha curral e casa. E guardava munição da gente: mais de dez mil tiros de bala.] (ROSA, 2006, p. 57).

**Selorico Mendes** – Homem rico e somítico, padrinho (possivelmente pai) de Riobaldo. Possuía três fazendas de gado, uma delas a São Gregório, que ficava próximo ao Curralinho e o Bagre. Amigo de Joca Ramiro. Recebeu Riobaldo em sua casa, quando este ficou órfão. Deixou duas fazendas de herança para Riobaldo.

[Até que um vizinho caridoso cumpriu de me levar, por causa das chuvas numa viagem durada de seis dias, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes, na beira da estrada boiadeira, entre o rumo do Curralinho e o do Bagre, onde as serras vão descendo. Tanto que cheguei lá, meu padrinho Selorico Mendes me aceitou com grandes bondades. Ele era rico e somítico, possuía três fazendas-de-gado. Aqui também dele foi, a maior de todas.] (ROSA, 2006, p. 111).

**Sempre-Sério** – ver *DIABO*.

**Senhor (interlocutor)** – Interlocutor invisível ao qual Riobaldo, na condição de ex-jagunço e agora abastado fazendeiro, conta a sua saga como homem vivente do grande sertão.

[Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração.] (ROSA, 2006, p. 14).

**Seo Emílio Wupes** – Comerciante alemão, sistemático, forte, alto, claro e de olhos azuis. Não se dava conta das brigas e da política. Vendia de tudo aos fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão, ferramentas, latas de formicida, arsênico, creolina e até papa-vento. Mudou-se para a capital onde estabeleceu um grande comércio.

[Mas estava lá o Vupes, Alemão Vupes, que eu disse – seo Emílio Wusp, que o senhor diz. Das vezes que viera a passar pelo Curralinho, ele já era meu conhecido. Tredobrado homem.] (ROSA, 2006, p. 125).

**Seo Joãozinho** – Dono do porto no Rio-de-Janeiro, onde Riobaldo morou com a sua mãe na adolescência.

[Se deu há tanto, faz tanto, imagine: eu devia de estar com uns quatorze anos, se. Tínhamos vindo para aqui – circunstância de cinco léguas – minha mãe e eu. No porto do Rio-de-Janeiro nosso, o senhor viu. Hoje, lá é o porto do seo Joãozinho, o negociante.] (ROSA, 2006, p. 100- 101).

**Seo Ornelas** – Homem bom, posseiro de sesmaria, cabelos brancos, modos calmos. Proprietário da Fazenda Barbaranha, no Pé-da-Serra, onde Riobaldo foi por ele bem recebido e passou uma noite com o seu grupo de jagunços. Ofeceu um jantar a Riobaldo e a outros jagunços dentro da sua própria casa. Cedeu cavalos ao grupo de jagunços a pedido de Riobaldo. Contava com mais de sessenta mortes. Compadre do Coronel Rotílio Manduca.

[Soubessem que esse seo Ornelas era homem bom descendente, posseiro de sesmaria. Antes, tinha valido, com muitos passados, por causa de política, e ainda valesse, compadre que era do Coronel Rotílio Manduca em sua Fazenda Baluarte.] (ROSA, 2006, p. 451).

**Seô Sul de Oliveira** – Fazendeiro e/ou político. Amigo de Joca Ramiro.

[... Joca Ramiro era rico, dono de muitas posses em terras, e se arranchava passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos, deles recebia dinheiro de munição e paga: seô Sul de Oliveira, coronel Caetano Cordeiro, doutor Mirabô de Melo.] (ROSA, 2006, p. 177- 178).

**Sesfrêdo** – Jagunço, amigo de Riobaldo. Glutão, sabia assoviar imitando diversos pássaros. Um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços.

[O Sesfrêdo comia muito. E sabia assoviar seguido, copiando o de muitos pássaros.] (ROSA, 2006, p. 65).

**Severo-Mór** – ver *DIABO*.

**Sicrano João** – Jagunço, citado na obra.

[Do Sicrano João, em ancas de seu burro...] (ROSA, 2006, p. 543).

**Sidurino** – Jagunço engraçado. Tudo que falava divertia o grupo. Apoiou Riobaldo quando este tomou a chefia de Zé Bebelo.

[... o *Sidurino*, tudo o que ele falava divertia a gente...] (ROSA, 2006, p. 320).

**Sié Marques** – Jagunço, presente no grupo que Riobaldo conduziu ao Cambaubal a mando do seu padrinho Selorico Mendes.

[De junto com o Capixúm, se aproximou outro um, também, de soto-chefe, que o Hermógenes tratou de sié-Marques.] (ROSA, 2006, p. 118).

**Silvalves** – Parentes do Zabudo, naturais da cidade de Paracatu.

[... Timóteo Regimildiano da Silva; *do Zabudo*, no vulgar. Esse constituía parentesco proximado com os Silvalves, paracatuanos, cujos tiveram sesmarias, na confrontação das divisas, das duas bandas iguais.] (ROSA, 2006, p. 535).

**Silva Salles** - Fazendeiro graúdo na Crondeúba.

[Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Silvino Silva** – Jagunço que conseguiu fugir com mais de vinte companheiros quando Hermógenes e Ricardão armaram a morte de Joca Ramiro.

[Dos bons, quem pôde, fugiram corretamente. Silvino Silva conseguiu fuga, com vinte e tantos companheiros...”] (ROSA, 2006, p. 297).

**Simão Avelino** - Fazendeiro graúdo na Barra-da-Vaca.

[Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos.] (ROSA, 2006, p. 111- 112).

**Simião** – Jagunço desdentado, que junto ao Acauã, ensinou ao Jesualdo, ao Aratuta e ao Nestor como afaiar os dentes com faca. Morto em combate pelos Judas, na Fazenda dos Tucanos.

[– o Simão, em gracejo, me perguntou. Me fez careta; e – acredite o senhor: ele, que exercia lâmina nos do outro, ele não possuía, próprio, dente mais nenhum nas gengivas – conforme aquela vermelha boca banguela toda abriu e me mostrou.] (ROSA, 2006, p. 165).

**Sinfrônio** - Matuto do Pubo. Filho do Assunciano.

[Esse aquele era o do chapéu encartuchado, rapaz moço. Respondeu que Sinfrônio se chamava...] (ROSA, 2006, p. 445).

**Siruiz** – Jagunço cantador. Presente no grupo que Riobaldo conduziu ao Cambaubal, a mando do seu padrinho Selorico Mendes. Riobaldo não o conheceu, mas, recordava das suas canções. Morreu, informava o Garanço, em tiroteio entre o Morcego e o Suaçuapara.

[Refiro que perguntei ao Garanço, por aquele rapaz Siruiz, que cantava cousas que a sombra delas em meu coração decerto já estava.] (ROSA, 2006, p. 176).

**Sizino Ló** – Homem que foi atacado por uma onça e perdeu uma perna. Usava perna de pau. Depois do ataque, não quis mais sair de casa. Morava próximo à Fazenda de Riobaldo, em terras herdadas.

[Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, um que foi desse rio de São Francisco, foguista de vapor; depois cá herdou uns alqueires.] (ROSA, 2006, p. 217).

**Sô Candelário** – Jagunço baiano, alto, forte, usava bigodes amarelados, fumava todo o tempo e bebia muita cachaça, quase não comia, impaciente. Buscava a morte por acreditar sofrer de Lepra, doença que seu pai e seus irmãos padeceram. Defendeu Zé Bebelo no julgamento da Fazenda Sempre Verde. Morreu em combate contra soldados do Governo.

[Sô Candelário. Esse era alto, trigueiro azul, quase preto, com bigode amarelecido. Homem forçoso, homem de fúria. Mandou que mandava. Em hora de fogo, pulava à frente de todos, bramava o burro. Tomou a chefia geral, debaixo dele o Hermógenes parecia um diabo coitado.] (ROSA, 2006, p. 240).



**Solón Nelson** - Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[*Furado-do-Meio. Serra do Deus-Me-Livre. Passagem da Limeira. Chapada do Covão.* Solón Nelson morreu. Arduininho morreu. Morreram o Figueiró, BatataRoxa, Dávila Manhoso, o Campêlo, o Clange, Deovídio, Pescoço-Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p.68).

**Solto-Eu** – ver *DIABO*.

**Sôr Amadeu** – Proprietário da fazenda Santa Catarina. Pai de Otacília, com quem Riobaldo se casou após a jagunçagem.

[A gente tinha ciência de que o dono era favorável do nosso lado, lá se devia de esperar por um recado. Fomos chegando de tardinha, noitinha já era, noite, noite fechada. Mas o dono não estava, não, só ia vir no seguinte, e sôr Amadeu a graça dele era.] (ROSA, 2006, p. 157).

**Sucivre** - Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, BatataRoxa, Dávila Manhoso, o Campêlo, o Clange, Deovídio, Pescoço-Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p.68).

**Suzarte** – Jagunço rastreador, boa pessoa, observava tudo ao seu redor: vento, poeira, árvores, chão, etc.

[... o *Suzarte*, outro rastreador, feito cão cachorro ensinado, boa pessoa...] (ROSA, 2006, p. 319).

**T**atarana – ver *RIOBALDO*.

**Tendeiro** – ver *DIABO*.

**Tenente Plínio** - Perseguidor dos jagunços. Deu combate ao sub-grupo chefiado por João Goanhá, na Cachoeira do Salto.

[Mas não pudemos. Mal a gente se tocou, para a Cachoeira do Salto, e esbarramos com tropa de soldados – tenente Plínio. Foi fogo. Fugimos.] (ROSA, 2006, p. 66).

**Tenente Ramiz** - Soldado do Governo que perseguia e combatia os jagunços.

[A verdade digo ao senhor: os soldados do Governo perseguiam a gente. Major Oliveira, Tenente Ramiz e Capitão Melo Franco – esses não davam espaço.] (ROSA, 2006, p. 57).

**Tenente Reis Leme** - Perseguidor dos jagunços. Combateu os jagunços na Serra-Nova, junto aos homens do Coronel Adalvino.

[A gente fazia má minoria pequena, e fechavam para riba de nós o pessoal dum Coronel Adalvino, forte político, com muitos soldados fardados no meio centro, comando do Tenente Reis Leme, que depois ficou capitão. Agüentamos hora mais hora, e já dávamos quase de cercados.] (ROSA, 2006, p. 19).

**Tenente Rosalvo** - Perseguidor dos jagunços. Deu combate ao sub-grupo chefiado por João Goanhá, no Jacaré Grande.

[Mas não pudemos. Mal a gente se tocou, para a Cachoeira do Salto, e esbarramos com tropa de soldados – tenente Plínio. Foi fogo. Fugimos. Fogo no Jacaré Grande – tenente Rosalvo. Fogo no Jatobá Torto – sargento Leandro. Volteamos.] (ROSA, 2006, p. 66).

**Tentador** – ver *DIABO*.

**Teofrásio** – “Chefe” dos matutos do Pubo. Foi levado, junto a seu jegue, com o grupo de jagunços.

[O homem Teofrásio limpou a goela; mas com respeito. - “Assim vós prazido, chefe. Pedimos vossa benção...” E eu concedi – que o Teofrásio, meio chefim deles, o do jegue: que o jegue pudesse trazer.] (ROSA, 2006, p.445).

**Testa-em-Pé** – Jagunço, baiano esperto.

[... o Testa-em-Pé, baiano ladino, chupava muito...] (ROSA, 2006, p.173).

**Timóteo** – Tio de José Jitirana, parecido com ele.

[...José Jitirana, filho dum lugar que se chamava a Capelinha-do-Chumbo: esse sempre dizia que eu era muito parecido com um tio dele, Timóteo chamado...] (ROSA, 2006, p.319).

**Timóteo Regimildiano da Silva** – ver *DO-ZABUDO*.

**Tinhoso** – ver *DIABO*.

**Tipote** – Jagunço rastreador, achava sempre lugares com água para o grupo.

[... o Tipote, que achava os lugares d’água, feito boi geralista ou buriti em broto de semente...] (ROSA, 2006, p.319).

**Tisnado** – ver *DIABO*.

**Titão Passos** – Jagunço, chefe de sub-grupos. Homem simples de bom coração, cara redonda, bom parecer. Amigo de Joca Ramiro. Bisneto de Pedro Cardoso e também parente de Maria da Cruz. Presente no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço. Defendeu Zé Bebelo no julgamento da Fazenda Sempre Verde.

[Ao quase sem sobejar palavras, ele afiançou o meu valimento, para aquele mestre de cara redonda e bom parecer, que passava por arrieiro da tropa e se chamava Titão Passos.] (ROSA, 2006, p.140).

**Tolomeu Guilherme** – Foi combatido por Medeiro Vaz no Contra-Boi. Homem de mesmo nome, que Riobaldo conhecia, estava no presente embarcando cargas no porto de Pirapora.

[- “... Amigo meu Medeiro Vaz, a outra ocasião, travou combates, no Conta-Boi, daqui a duas léguas... Contra os de um Tolomeu Guilherme.] (ROSA, 2006, p.455).

**Toquim** - Jagunço, citado na obra. Morreu em combate.

[Morreram o Figueiró, BatataRoxa, Dávila Manhoso, o Campêlo, o Clange, Deovídio, Pescoço-Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo – acho que foram esses, todos.] (ROSA, 2006, p.68).

**Treciziano** - Um dos homens endemoninhados ou com encosto que Riobaldo conheceu. Bruto, impaciente, sofria com dores de cabeça e erupções cutâneas. Tentou matar Riobaldo, durante a travessia do Liso do Sussuarão, que o assassinou com um corte na garganta.

[Ali esse Treciziano era fraco de paciências; ou será que estivesse curtindo mais sede do que os outros – segundo esse tremor das ventas – e pegou a malucar?] (ROSA, 2006, p.511).

**Trigoso** - Jagunço, citado na obra.

[Conforme vínhamos, a sério tocar, e já a bem uma légua do Paredão se estava, quando apareceu o Trigoso.] (ROSA, 2006, p. 564).

**Triol** – Jagunço. Um dos amigos a quem Riobaldo cedeu terras, próximas a sua fazenda, para estabelecer moradia após o tempo dos jagunços. Presente no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço.

[O Triol... E não vou valendo? Deixo terra com eles, deles o que é meu é, fechamos que nem irmãos.] (ROSA, 2006, p. 24).

**Tunes** – ver *DIABO*.

**Tuscaninho Caramé** – Jagunço cantador. Tinha uma voz bonita e cantava músicas sentimentais.

[Tuscaninho Caramé, que cantava, bonita voz, algôa cantiga sentimental.] (ROSA, 2006, p. 543).

**U**m outro doutor – ver *DOUTOR RAPAZ*.

**Umbelino** – Jagunço do Rio Sirubim, tinha cara de gato, pequeno e bom. Amigo de Riobaldo.

[Amigo meu, o Umbelino – esse que dizia: que, por não ter mulher ali, se tinha de muito lembrar. Ele era do Rio Sirubim, de um lugar para trás das cachoeiras. Valia como companheiro, capaz d’armas. Que que pequeno, era bom.] (ROSA, 2006, p. 233).

**Urutu- Branco** – ver *RIOBALDO*.

**V**altêi – Filho de Pedro Pindó. Morava a seis léguas da fazenda de Riobaldo. Menino de uns dez anos de idade. Maldoso, gostava de ver sangue e de judiar das criações. Certa vez cortou a perna de uma negra com cacos de vidro. Apanhava diariamente de seus pais.

[Eles têm um filho duns dez anos, chamado Valtêi – nome moderno, é o que o povo daqui agora apreceia, o senhor sabe.] (ROSA, 2006, p. 13).

**Velhozinho** – Dono de um bananal, amigo dos jagunços.

[De madrugada, acordamos em sua janela um velhozinho, dono de um bananal. O velhozinho era amigo, executou o recado.] (ROSA, 2006, p. 65- 66).

**Ventarol** – Jagunço preguiçoso. Junto o Geraldo Pedro só queria ficar deitado e dormindo. Tinha uma boa rede de casamento em algodão.

[... e Geraldo Pedro e o Ventarol que queriam ficar espichados, dormindo o tempo todo, o Ventarol roncasse – ele possuía uma rede de casamento, de bom algodão, com chuva de rendas rendadas...] (ROSA, 2006, p. 185).

**Veraldo** – Jagunço, natural do Serro-Frio. Reconheceu uma planta, candeia, que servia de tocha luminosa quando pegava fogo.

[E foi aí que o Veraldo, que era do Serro-Frio, reconheceu uma planta, que se chamasse guia-torto, se certo supenho, mas que se chamava candeia na terra dele, a qual se acendia e prendia em forquilha de qualquer árvore, ela aí ia ardendo luminosa, clara, feito uma tocha.] (ROSA, 2006, p. 531).

**Vito Soziano** – Proprietário da fazenda O Limãozinho. Amigo de Riobaldo que assinava e recebia anualmente um almanaque.

[Na fazenda O Limãozinho, de um meu amigo Vito Soziano, se assina desse almanaque grosso, de logogrifos e charadas e outras divididas matérias, todo ano vem.] (ROSA, 2006, p. 14- 15).

**Volta-Grande** – Valentão que em outros tempos, possuiu o Jalapão e todos os Gerais.

[O Jalapão me viu, os todos Gerais me viram demais. Aqueles distritos que em outros tempos foram do valentão Volta-Grande.] (ROSA, 2006, p. 517).

**Vove** - Jagunço, presente no grupo que foi buscar munições na casa do senhor Malinácio. Grupo este que Riobaldo seguiu, iniciando a sua vida de jagunço.

[Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo ó Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada.] (ROSA, 2006, p. 141).

**Vupes** – ver *SEO EMÍLIO WUPES*.

**Vupses** – ver *SEO EMÍLIO WUPES*.

**X**ú – ver *DIABO*.



**W**upsis – ver *SEO EMÍLIO WUPES.*

**Wusp** – ver *SEO EMÍLIO WUPES.*

## **Z**abudo – ver *DO-ZABUDO*.

**Zé Bebelo** – José Rebêlo Adro Antunes, natural do Carmo da Confusão. Tataraneto do capitão-de-cavalos, Francisco Vizeu Antunes. Filho de José Ribamar Pacheco Antunes e de Maria Deolinda Rebelo. Proprietário da fazenda Nhanva. Imediatamente estúrdio, vestia brim azul, calçava botas amareladas, revólver na cintura, lenço no pescoço, sete punhais em uma mesma bainha. Nervoso, magro, baixo, braços compridos. Cabelo bom, despenteado. Atirava bem com qualquer arma, amansava animal, pescava, caçava, dançava, tocava violão e assoviava musical. Não gostava de jogos. Queria combater a jagunçagem e ser deputado. Foi preso, julgado e exilado para o Goiás, por Joca Ramiro. Tempos depois, retornou para vingar a morte de Joca Ramiro, chefiando o grupo de jagunços. Perdeu o poder de chefia para Riobaldo. Finda a jagunçagem, Riobaldo o reencontrou no Porto-Passarinho, queria agora ser comerciante na Capital e estudar advocacia. Nesta ocasião indicou à Riobaldo que procurasse pelo Compadre meu Quelemém. Ficou marcado pela frase: “viva a lei”.

[Zé Bebelo – ah. Se o senhor não conheceu esse homem, deixou de certificar que qualidade de cabeça de gente a natureza dá, raro de vez em quando. Aquele queria saber tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar. Não esbarrava quieto. Seguro já nasceu assim, zureta, arvoado, criatura de confusão. Trepava de ser o mais honesto de todos, ou o mais danado, no tremeluz, conforme as quantas. Soava no que falava, artes que falava, diferente na autoridade, mas com uma autoridade muito veloz.] (ROSA, 2006, p. 76).

**Zé Bebelo Vaz Ramiro** – ver *ZÉ BEBELO*.

**Zé Beißudo** - Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, *o Jalapa*, *Zé Beißudo*, *Nestor*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Zé Cânciao** – Pai do Guirigó. Morava no Sucruíú.

[– “Guirigó... Minha graça é essa... Sou filho de Zé Cânciao, seu criado, sim senhor...”] (ROSA, 2006, p. 396).

**Zé Geralista** - Jagunço, citado na obra.

[E *Diodolfo*, o *Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, o *Testa-em-Pé*, *Remigildo*, o *Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, o *Trigoso*, o *Cajueiro*, *Nhô Faísca*, o *Araruta*, *Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e o *Tuscaninho Caramé*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Zé Inocência** - Jagunço, citado na obra. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara.

[Aí, mortos: *João Frio*, o *Bicalho*, *Leôncio Fino*, *Luís Pajeú*, o *Cambó*, *Leite-de-Sapo*, *Zé Inocência*... uns quinze.] (ROSA, 2006, p. 297).

**Zé Onça** - Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, o *Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Zé Paquera** - Jagunço, citado na obra.

[A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, o *Jalapa*, *Zé Beçudo*, *Nestor*.] (ROSA, 2006, p. 320).

**Zé Vital** – Jagunço que de tempos em tempos sofria de ataques incomuns. Debatendo-se no chão, com a boca espumando.

[A resto, um *Zé Vital* deu ataque: o qual era um acesso sacramentado de feioso, principiando depois que ele se queixava de sentir o nariz quente, ele mesmo já sabia a data – e daí proclamava um grito de porco com frio, e caía estatelado no chão, duro como um cano de arma; mas atazanava batendo com os braços e pernas, querendo às ânsias coisa ou criatura em que se agarrar, o onde esbugalhava os olhos, a boca aspumada, escumando.] (ROSA, 2006, p. 353).

**Zebebel** – ver *ZÉ BEBELO*.

**Zé-Zim** – Jagunço, risonho e habilidoso. O melhor meeiro de Riobaldo. Gostava de mudar sempre de moradia. Tinha mulher e dois filhos.

[O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: – “Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo o mundo faz?” – “Quero criar nada não...” – me deu resposta: – “Eu gosto muito de mudar...”] (ROSA, 2006, p. 42).

## REFERÊNCIAS

- BAGGIO, Marco A. **Um abreviado do Grande sertão: veredas**. Contagem: Santa Clara Ed., 2005.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 13. ed. [Trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ed. Ática, 1985.
- CANDIDO, A. ROSENFELD, A. et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.
- CANDIDO, Antonio. "O homem dos avessos". In: **Tese e Antítese**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1964.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. (Org.) **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983 (Coleção Fortuna Crítica, nº 6).
- LORENZ, Günter W. Guimarães Rosa. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Trad. de Fredy de Souza Rodrigues e Rosemary Costhek Abílio São Paulo: EPU, 1973.
- NUNES, José H. **Dicionários: história, leitura e produção**. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010.
- REIS, Carlos. LOPES, Ana C. M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFMG, Nova Fronteira, 2003.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.